

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**  
**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura**  
**e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a**  
**agricultura**

**Área Temática: Negociações Internacionais**

**Período de Análise: 01/04/2013 a 30/04/2013**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária: Yohanan Barros**

## Índice

<b>Goldman corta previsão para preços de milho, soja e trigo.</b> Julie Ingwersen – O Globo, Economia. 01/04/2013.....	4
<b>Exportações brasileiras para EUA e UE caem em março.</b> Thiago Resende – Valor Econômico, Brasil. 01/04/2013 .....	5
<b>Safra, interesse de vendas e Chicago pressionam milho no Brasil.</b> Gustavo Bonato – O Globo, País. 02/04/2013 .....	5
<b>Crescimento da demanda por café na China atrai multinacionais.</b> Assis Moreira – Valor Econômico, Empresas. 02/04/2013 .....	6
<b>Portos estrangeiros podem barrar entrada de navios brasileiros.</b> Marta Nogueira – Valor Econômico, Brasil – 02/04/2013 .....	7
<b>Commodities internacionais com impacto na inflação têm baixa em preços.</b> Murilo Rodrigues Alves – Valor Econômico, Brasil. 03/04/2013 .....	10
<b>PAA África leva alimentação para mais de 100 mil estudantes – Site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).</b> 04/04/2013 .....	10
<b>Especulação movimentou U\$ 3,5 tri por dia e sepulta 11 mi de pessoas por ano.</b> Marcus Eduardo de Oliveira – Site do MST. 04/04/2013 .....	11
<b>Safra recorde e saldo comercial ameaçados com apagão logístico.</b> Eliane Oliveira e Cristiane Bonfati – O Globo, Economia. 06/04/2013 .....	12
<b>Alemanha ensina a agregar valor ao café.</b> Assis Moreira – Valor Econômico, Empresas. 09/04/2013 .....	14
<b>Demanda europeia e sustentabilidade – Site da Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Assuntos econômicos, Cereais, Fibras e Oleaginosas.</b> 10/04/2013 .....	16
<b>Moçambicanos denunciam a saga do agronegócio em usurpar suas terras.</b> Aunício da Silva – Site do MST. 10/04/2013 .....	17
<b>Nigéria busca expertise brasileira em abastecimento – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).</b> 10/04/2013 .....	22
<b>Cooperativa vende robusta para Cuba.</b> Tarso Veloso – Valor Econômico, Empresas. 15/04/2013.....	23
<b>Agricultura familiar exportará mais de R\$ 6 milhões em café para Cuba – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).</b> 17/04/2013.....	23
<b>CNA participa de conferência de agribusiness no Morgan Stanley – Site da Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária (CNA), Assuntos Econômicos.</b> 19/04/2013.....	25
<b>Argentina e combustíveis derrubam exportações da indústria em 8,2%.</b> Luiz Guilherme Gerbelli – O Estado de São Paulo, Economia. 19/04/2013.....	26

<b>País não é estratégico na formação dos preços mundiais.</b> Danielle Nogueira – O Globo, Economia. 20/04/2013.....	27
<b>Eleição paraguaia marca retorno das oligarquias.</b> Roberto Simon – O Estado de São Paulo, Internacional. 21/04/2013.....	28
<b>'As relações com o Brasil receberão tratamento especial'.</b> Roberto Simon – O Estado de São Paulo, Internacional. 21/04/2013 .....	30
<b>Brasiguaios esperam fim da era de invasões.</b> Lourival Santanna e Clayton de Souza – O Estado de São Paulo, Internacional. 22/04/2013 .....	32
<b>Magnata Cartes recupera poder para Partido Colorado no Paraguai.</b> Daniela Desantis e Hilary Burke – O Globo, Mundo. 22/04/2013.....	35
<b>Bolívia busca experiência do Programa Cisternas para enfrentar a seca –</b> Site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). 22/04/2013.....	36
<b>Colômbia: Farc e governo retomam negociações de paz –</b> O Estado de São Paulo, Internacional. 23/04/2013.....	37
<b>Exportadores vendem 116 mil t de soja dos EUA a destino desconhecido.</b> Charles Abbott — USDA – O Globo, Economia. 24/04/2013.....	38
<b>Dow Chemical tem lucro acima do esperado no 1o trimestre –</b> O Globo, Economia. 25/04/2013.....	38
<b>Missão empresarial busca soluções tecnológicas no México e Estados Unidos para a região da seca –</b> Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Meio Ambiente. 26/04/2013.....	39
<b>Novo governo do Paraguai tentará manter estabilidade econômica.</b> Daniela Desantis – O Globo, Mundo. 26/04/2013.....	39
<b>O Paraguai de sempre. Eric Nepomuceno –</b> Site da Agência Carta Maior. 29/04/2013 .....	40
<b>Novas oportunidades de negócios com a China –</b> Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Assuntos Econômicos. 30/04/2013.....	42

**Goldman corta previsão para preços de milho, soja e trigo. Julie Ingwersen – O Globo, Economia. 01/04/2013**

CHICAGO, 1 Abr (Reuters) - O banco de investimentos Goldman Sachs reduziu nesta segunda-feira sua previsão para os preços do milho, da soja e do trigo, citando estoques maiores que os esperados nos EUA, segundo fontes do mercado.

Na semana passada, o Departamento de Agricultura dos EUA divulgou estoques de grãos em 1o de março, indicando números maiores do que os que o mercado esperava (veja tabela abaixo).

O Goldman reduziu sua previsão para três meses dos futuros do milho na bolsa de Chicago (CBOT) para 6,50 dólares por bushel ante 7,50 dólares vistos anteriormente, disseram as fontes. O banco também cortou suas previsões dos preços do milho para 6 e 12 meses para 5,25 dólares, contra 6 dólares previstos anteriormente.

Os futuros dos grãos operavam em baixa nesta segunda-feira, com o milho atingindo uma mínima de 6,4925 dólares por bushel, o menor valor para um primeiro vencimento desde de junho de 2012.

Em relação à soja na CBOT, o Goldman reduziu sua previsão de três meses para 13,50 dólares por bushel, em comparação com 14 dólares anteriormente. O banco também reduziu sua previsão de 6 e 12 meses para 12,50 dólares ante 13 dólares.

Os maiores cortes do Goldman foram para os preços do trigo na CBOT. O banco cortou sua previsão para três meses para 6,50 dólares ante os 7,80 dólares vistos anteriormente e suas projeções para 6 e 12 meses para 6,25 dólares ante 7,80 dólares.

O USDA estimou os estoques de milho em 1o de março em 5,399 bilhões de bushels, acima da expectativa de analistas, de 5,013 bilhões de bushels.

Enquanto os estoques foram maiores que o esperado, o USDA também reportou uma intenção de plantio de 97,3 milhões de acres, a maior área desde 1936, em linha com as expectativas do mercado. Isso permitiria uma colheita recorde de 14,6 bilhões de bushels de milho, em condições normais de clima.

Os estoques de soja dos EUA somaram 999 milhões de bushels, ante 935 milhões de bushels esperados pelo mercado, enquanto os estoques de trigo ficaram em 1,234 bilhão de bushels, acima da previsão do mercado de 1,177 bilhão.

A nova safra de soja do país também pode ser recorde.

---

## **Exportações brasileiras para EUA e UE caem em março. Thiago Resende – Valor Econômico, Brasil. 01/04/2013**

Em março, as exportações brasileiras subiram para a maioria dos blocos econômicos listados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), na comparação com o mesmo mês do ano passado. As vendas foram maior para a Europa Oriental (26%), para a África (12%) e para o Oriente Médio (10,1%).

Os embarques de bens brasileiros para o Mercosul expandiram 7,2%, sendo que somente para a Argentina a alta foi de 7,7%. As vendas para a Ásia subiram 1,7% em março ante mesmo mês do ano passado.

Alguns países e blocos importantes na pauta comercial brasileira, entretanto, compraram menos produtos brasileiros em março na comparação com igual mês do ano passado. Foi o caso dos Estados Unidos (-15,6%) e União Europeia (-6,9%).

---

## **Safra, interesse de vendas e Chicago pressionam milho no Brasil. Gustavo Bonato – O Globo, País. 02/04/2013**

SÃO PAULO, 2 Abr (Reuters) - A boa safra de milho neste verão no Brasil, o interesse dos produtores em vender sua produção e uma paralisação dos negócios de exportação têm pressionado os preços do cereal no mercado interno neste início de ano, avaliou nesta terça-feira o Cepea, centro de estudos da Universidade de São Paulo.

Desde o início do ano, os preços do milho no mercado de balcão (recebido pelo produtor) recuaram mais de 16 por cento e caíram mais 14 por cento no mercado de lotes (negociações entre empresas), considerando-se a média das regiões acompanhadas pelo Cepea em vários Estados do Brasil.

Na segunda-feira, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa, que registra negócios na região de Campinas (SP) e serve de referência para o mercado financeiro, fechou a 28,46 reais por saca de 60 kg, num recuo de mais de 15 por cento.

Uma boa colheita de verão seguida de uma segunda safra com perspectiva de ser recorde pressionam os preços, disse o Cepea.

Além disso, há muitas regiões deficitárias em capacidade de armazenagem e que produzem volumes expressivos do cereal, o que requer a venda conforme avança a colheita, afirmaram os pesquisadores.

"Novos negócios para embarque em curto prazo estão praticamente parados", acrescentou o Cepea em nota, acrescentando que há registro apenas de uma aceleração gradual nos negócios com grãos da segunda safra, que deverá ser colhida em meados do ano.

### *INFLUÊNCIA DE CHICAGO*

As estimativas de crescimento na área de milho nos EUA, com expectativa de safra recorde no maior exportador mundial do cereal, pressionam ainda mais o cenário de médio prazo no Brasil, completou o centro de estudos.

O milho na bolsa de Chicago caiu nesta terça-feira pela terceira sessão consecutiva, à mínima de nove meses, com fundos liquidando posições depois de um relatório do Departamento de Agricultura do EUA (USDA) que mostrou, na quinta-feira, que os estoques no país estão maiores do que o estimado pelo mercado. O contrato já caiu certa de 1 dólar por bushel, ou 13 por cento, desde a divulgação do USDA.

---

### **Crescimento da demanda por café na China atrai multinacionais. Assis Moreira – Valor Econômico, Empresas. 02/04/2013**

O crescimento da demanda por café na China está levando companhias que comercializam o produto a expandir as atividades nesse segmento na segunda maior economia do mundo para não ficar atrás da concorrência.

Nesse contexto, a suíça Nestlé, uma das maiores empresas de alimentos do mundo, anunciou ontem que gastará US\$ 16 milhões para criar um “Nescafé Coffee Centre” na cidade de Pu’er, na Província de Yunnan, onde estão situadas 90% das lavouras chinesas de café.

Será o maior centro do gênero do país. A expectativa é que sejam treinados ali 5 mil agricultores, agrônomos e outros profissionais ligados ao mercado de café todos os anos, com ênfase na promoção da produção e do consumo.

Para analistas, o movimento da multinacional coincide com a tendência de migração de produtores chineses de chá para o café, em busca de preços melhores. Atualmente, o quilo do chá vale aproximadamente US\$ 2,8.

Entre os jovens chineses, o consumo de café vem sendo impulsionado pela abertura de centenas de “coffee shops” no país por parte de grandes redes locais e também internacionais.

A rede Starbucks, por exemplo, planeja abrir 300 lojas neste ano e poderá chegar a 1,5 mil em 2015. A dificuldade dos americanos será enfrentar a concorrência de redes locais com nomes parecidos e o mesmo modelo de negócios. No total, a China já tem pelo menos 14 mil “coffee shops”, conforme dados do banco holandês Rabobank.

Heiko Schipper, diretor da divisão de alimentos e bebidas da Nestlé na China, sustenta sua expectativa de realizar grandes negócios no país com base no potencial existente: o consumo per capita chinês é de quatro xícaras de café por ano, ante 150 em Taiwan.

Levando em conta uma população de quase 1,5 bilhão de pessoas, mesmo um aumento leve no consumo chinês terá impacto sobre oferta e demanda globais. Para o Rabobank,

o valor do mercado chinês de café vai aumentar 15% ao ano entre 2012-2017. Na Índia, outro mercado em franca expansão, a alta anual estimada chega a 6%.

Na China, a demanda por café alcançou 120 mil toneladas no ano passado — ou 6% do total consumido nos Estados Unidos — enquanto a de chá atingiu cerca de 1 milhão de toneladas.

Já a produção chinesa de café somou cerca de 50 mil toneladas em 2012, a partir de 30 mil hectares plantados, área que praticamente inexistia há alguns anos. A expectativa do governo da região de Yunnan é que a colheita aumente para 200 mil toneladas até 2020.

Em 2012, a Nestlé comprou 10,5 mil toneladas no país, ou mais de 20% de toda a produção chinesa de café. Segundo um analista, a produção é sobretudo de café arábica, de maior qualidade.

Mesmo com taxas “menores” de crescimento do consumo, países como Índia e Coreia do Sul também atraem a atenção e os investimentos de companhias como Nestlé e Starbucks na Ásia.

Na Índia, apenas a rede local de cafeterias Coffee Day já conta com 1,4 mil lojas em 200 cidades, com o cafezinho vendido a US\$ 1. Já na Coreia do Sul, um cafezinho em um hotel cinco estrelas pode custar US\$ 30 conforme relato de uma analista em um recente seminário na Organização Internacional do Café (OIC), em Londres.

---

### **Portos estrangeiros podem barrar entrada de navios brasileiros. Marta Nogueira – Valor Econômico, Brasil – 02/04/2013**

Navios com bandeira brasileira correm o risco de ser impedidos de atracar em portos no exterior. O risco, que existe desde o começo do ano, foi criado porque o governo brasileiro ainda não encaminhou ao Congresso Nacional a adaptação da legislação brasileira às novas regras internacionais de navegação da Organização Marítima Internacional (IMO, na sigla em inglês). Essas regras, que entraram em vigor em janeiro, têm por objetivo reduzir a emissão de gases-estufa do transporte marítimo.

É difícil estimar o número exato de embarcações que estão sob risco. O Sindicato Nacional das Empresas de Navegação Marítima (Syndarma) tem hoje 48 empresas associadas, com uma frota de 53 navios de bandeira brasileira, que fazem transporte de cargas entre portos brasileiros e também podem operar no exterior.

Os 53 navios representam 55% das embarcações com esse perfil no país. Os outros 45% pertencem principalmente à Petrobras e à Transpetro, que não são associadas ao sindicato. Além disso, as associadas do Syndarma têm 133 embarcações offshore - que dão apoio marítimo às embarcações de óleo e gás na costa do país, com bandeira brasileira -, o que representa 85% do total com esse perfil no setor.

Além dos navios que transportam cargas para o exterior, as outras embarcações também podem precisar fazer reparos em estaleiros estrangeiros e terão que seguir as novas regras. Mário Mendonça, assessor internacional do Syndarma, diz que muitos navios são levados para fora do país quando precisam passar por pequenos reparos, já que os estaleiros brasileiros estão quase totalmente comprometidos com a construção de novos navios.

Pelas novas regras, os navios precisam desenvolver um plano de gestão de eficiência energética (Seemp, na sigla em inglês), com atividades de manutenção e de operação que resultem na redução da emissão de gases. O Seemp, que deve estar a bordo das embarcações, estabelece objetivos e é dividido em quatro fases: planejamento, implementação, monitoramento e autoavaliação. A intenção é auxiliar os armadores e as empresas de navegação na otimização do gerenciamento ambiental de seus navios.

Além disso, os navios novos - os que começaram a ser construídos em janeiro, e os com data de entrega a partir de julho de 2015 - têm que cumprir um índice que relaciona a quantidade de gases-estufa e a carga transportada. O Índice de Projeto de Eficiência Energética (EEDI) é definido pela IMO. Quanto menor o EEDI, mais eficiente será o navio.

Para comprovar que estão seguindo as regras, os navios precisam que a Marinha do Brasil emita um documento chamado Certificado de Eficiência Energética Internacional. É possível obter este certificado também com empresas classificadoras de navios - ou seja, companhias responsáveis por atestar que os navios seguem regras internacionais. Esses certificados devem ficar a bordo dos navios de bandeira brasileira nas viagens internacionais. E é aí que está o problema.

A Diretoria de Portos e Costas (DPC), subordinada à Marinha do Brasil, ainda não autorizou as empresas a obter certificados que comprovem que seus navios estão em conformidade com as novas regras. Ou seja, mesmo que estejam seguindo as regras, as companhias não têm o aval da Marinha para comprovar.

O problema tem origem na compatibilização da legislação internacional com o que diz a Constituição brasileira. Por ela, o país só pode aderir às novas normas internacionais se forem aprovadas pelo Congresso Nacional e transformadas em lei. Este processo está em tramitação.

A demora no processo de adequação do país às novas regras internacionais preocupa o setor. Mendonça, do Syndarma, diz que uma eventual proibição de entrada de navios de bandeira brasileira em portos estrangeiros pode trazer "grandes prejuízos" para empresas que queiram transportar cargas para fora do Brasil. Mendonça, contudo, desconhece se já aconteceu algum caso do gênero desde janeiro, quando as normas entraram em vigor.

O assessor do Syndarma também não sabe dizer se todas as empresas associadas já fizeram seus planos e estão de acordo com as novas regras. O custo para tanto não é



muito alto, visto que é possível cumprir as regras com mudanças na operação e manutenção dos navios.

O risco de não estar com a documentação em ordem afeta apenas os navios de bandeira brasileira - os da Vale, por exemplo, que têm bandeiras de outros países, não estão sob ameaça. Segundo fonte próxima à Vale, a mineradora já segue as novas regras integralmente e não precisou fazer investimentos extras para se adaptar. A fonte afirmou que a frota da Vale é "relativamente" nova e de navios maiores, que são mais eficientes.

Para os navios mais antigos, a Vale reforçou o treinamento da tripulação, melhorou a manutenção e redesenhou rotas para conseguir mais eficiência energética. "Até essa etapa não foram necessários investimentos adicionais, apenas aumento nos gastos com treinamento, manutenção e planejamento, que se pagam com a economia de combustíveis", disse a fonte.

Os novos navios Valemax, da Vale, foram projetados e construídos para atender as regulamentações mais recentes e estão enquadrados nas novas regras. De acordo com a companhia, reduzem a emissão de gases-estufa por tonelada transportada em 34% e estão de acordo com o EEDI definido pelo IMO. Dos 35 navios Valemax encomendados pela Vale no exterior, 25 já estão em operação. Todos os navios da Vale, já têm o Seemp a bordo.

Já a Transpetro - com 62 navios, sendo 43 com bandeira brasileira, está exposta à indefinição da regulamentação das novas regras no Brasil. A empresa evitou explicar como está se preparando para enfrentar o risco, e respondeu, por e-mail, apenas às perguntas que diziam respeito à redução da emissão dos gases-estufa. A assessoria de comunicação da estatal diz que a empresa investiu para se adequar às novas regras e que os novos navios, já modernos, atendem ao índice de eficiência da IMO.

A Transpetro informou também que estão sendo feitas melhorias que proporcionam a redução da emissão de gases-estufa na frota. Neste processo, substituiu motores antigos por outros de melhor desempenho, otimizou planos de viagens, buscou maior eficiência de lemes, hélices, cascos e sistemas de propulsão e até a melhora do controle de tráfego. A empresa não informou qual foi o valor investido na modernização da frota.

O Syndarma orientou seus associados a buscar um atestado de conformidade de eficiência energética junto às instituições certificadoras. O tal documento não substitui o aval da Marinha. "É um recurso possível, sem garantia de sucesso", reconhece Mendonça. Outra recomendação é que as companhias façam um contato prévio com as autoridades dos portos de destino, para checar se os navios serão recebidos sem a documentação adequada. A detenção do navio, na opinião de Mendonça, "não parece provável".

Flávia Rezende, gerente de desenvolvimento da certificadora francesa Bureau Veritas, uma das principais no país, acredita que o atestado possa dar alguma segurança aos

navios enquanto a situação no Brasil não se define. "A gente espera que possa valer. Mas vai depender muito da postura do porto de chegada."

O ajuste às novas regras exige algumas iniciativas operacionais. É possível emitir menos gases-estufa com a redução da velocidade, quando o porto está cheio, ou com melhores previsões climáticas para saber quais as condições marítimas. Reformas na estrutura física do navio podem facilitar a navegação e reduzir o consumo de combustível. A boa notícia é que a necessidade legal de seguir os padrões internacionais pode significar economia para as empresas, diz Flávia Medidas para reduzir emissão são obtidas a partir de melhorias na eficiência dos navios. "O retorno financeiro é muito rápido", afirma.

---

### **Commodities internacionais com impacto na inflação têm baixa em preços. Murilo Rodrigues Alves – Valor Econômico, Brasil. 03/04/2013**

O preço médio das commodities internacionais com impacto na inflação brasileira caiu 1,82% em março, em relação ao mês anterior, segundo dados divulgados nesta quinta-feira pelo Banco Central (BC). É a terceira queda mensal consecutiva.

Medido pelo Índice de Commodities Brasil (IC-Br), a partir dos preços das commodities convertidos para reais, o indicador acumula, no primeiro trimestre de 2013, queda de 6,08%. Em 12 meses, porém, o índice subiu 3,58%.

Todos os três subgrupos que compõem o IC-Br tiveram queda nos preços no mês passado. A maior delas foi verificada nos preços dos produtos metálicos (alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo e níquel), cuja variação foi negativa em 6,02% em março. No acumulado do trimestre, a queda é de 7,11%. Em 12 meses encerrados em março, porém, o preço dessas commodities apresenta alta de 4,20%.

Os preços das commodities energéticas (petróleo Brent, gás natural e carvão) caíram 2,51% em março na comparação com fevereiro. No acumulado do trimestre, a queda é de 4,11%. Em 12 meses, o subgrupo tem a maior alta nos preços, de 4,27%.

Já as commodities agropecuárias (carne de boi, carne de porco, algodão, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café e arroz) tiveram redução de 0,66% no mês passado. No acumulado do ano, esse subgrupo registra retração nos preços de 6,24%. Em 12 meses encerrados em março, a alta é de 3,41%, a menor entre os subgrupos.

---

### **PAA África leva alimentação para mais de 100 mil estudantes – Site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). 04/04/2013**

*Programa executado por meio de parceria entre Brasil, Reino Unido e ONU compra parte da produção de mais de 3 mil agricultores familiares africanos*

Brasília, 4 – Mais de 3 mil agricultores familiares da Etiópia, de Malauí, Moçambique, do Níger e Senegal estão sendo beneficiados pelo PAA África – iniciativa inspirada no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Eles vendem parte de sua produção aos governos dos cinco países, que a usam na merenda escolar, beneficiando 103,7 mil alunos.

Executado por meio de parceria entre o Brasil, Reino Unido, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e o Programa Mundial de Alimentos, da ONU, o PAA África começou em 2012. O programa objetiva reforçar as políticas de segurança alimentar e nutricional e de desenvolvimento rural nesses países. Atualmente, eles desenvolvem projetos pilotos.

“Os países atendidos pelo programa já distribuía alimentos para escolas, mas o grande marco do PAA África foi o de começar a abastecê-las com a produção local”, destaca a coordenadora do PAA África para o MDS, Darana Souza. “Os benefícios, como no modelo brasileiro, vão desde a diversidade dos produtos até a abertura de oportunidades para os pequenos produtores.”

Em Moçambique, o projeto piloto envolve 600 famílias de agricultores e atende 72 mil alunos em 175 escolas. No Senegal, a estimativa é que mil famílias rurais – com cerca de 8 mil pessoas – e cinco cooperativas de produção de arroz participem da fase inicial do PAA África, beneficiando 22,8 mil alunos. Nessa primeira etapa, o programa chegou a 1,6 mil agricultores da Etiópia, garantindo alimentação para 8,7 mil estudantes. Em Malauí, frutas e hortaliças passaram a ser incluídas na alimentação escolar.

“Há escolas sem água potável para lavar os alimentos, muito menos energia elétrica e refrigeradores, o que demonstra o tamanho do desafio de implantação do PAA África”, diz Darana.

---

### **Especulação movimentada U\$ 3,5 tri por dia e sepulta 11 mi de pessoas por ano. Marcus Eduardo de Oliveira – Site do MST. 04/04/2013**

O PIB mundial em 2013 deve atingir o montante de 74,1 trilhões de dólares correntes. Com 1,1 bilhão de habitantes, a participação das economias mais ricas no "bolo" da produção de bens e serviços deve ser de 49,2%, com uma renda per capita de mais de 41 mil dólares em termos de paridade do poder de compra (ppp, na sigla em inglês).

Do outro lado do planeta, a renda per capita para os demais 6 bilhões de habitantes atingirá 7,4 mil dólares (ppp).

Assim, o "bolo" da economia mundial vai crescendo e cada vez mais as distorções em termos de acesso ao que foi produzido vão se acentuando. Enquanto o "lado rico" do planeta continua recebendo polpudas ajudas financeiras, ao "lado pobre" sobram quirelas.

Em abril de 2009, numa reunião em Londres, os países integrantes do G-20 (as 20

economias mais avançadas) prometeram aos países vulneráveis a importância de 1,100 trilhão de dólares. Passados quatro anos, somente 5% desse valor "desembarcou" nos cofres das economias mais carentes, ao passo que, no mesmo período, US\$ 18 trilhões foram injetados nas veias das instituições financeiras dos países mais avançados.

Depois do pacote de ajuda à Grécia, Portugal e Irlanda, agora é a Espanha que pede socorro. Os países da zona do euro já se movimentam para esparramar na economia espanhola até 100 bilhões de euros (cerca de R\$ 251,1 bilhões) na tentativa de recapitalizar o setor bancário. De onde virá o dinheiro? Do Fundo Europeu de Estabilidade Financeira (FEEF) e do Mecanismo de Estabilidade Europeu (MEE).

Não obstante a isso, a financeirização internacional movimenta em termos especulativos 3,5 trilhões de dólares por dia, montante 40 vezes superior ao valor monetário das transações de bens e serviços mundiais. Depois que eclodiu a crise financeira internacional em 2008, os especuladores retiraram recursos de ativos de alto risco apostando na valorização das commodities puxando assim os preços dos alimentos para cima, o que resultou maior dificuldade de acesso à comida, sobretudo nas áreas mais afetadas pela fome.

Por esse caminho, de um lado, se empanturram de dólares os cofres da agiotagem internacional, enquanto do outro ronca de fome 1 bilhão de estômagos vazios. Desse 1 bilhão de pessoas (jovens, idosos, pobres e miseráveis) que passam fome, 180 milhões (quase um Brasil inteiro) são crianças (menores de 10 anos de idade). Destas, 11 milhões são sepultadas todos os anos.

Enquanto se discute meios para proporcionar ajuda monetária aos incompetentes banqueiros internacionais, o mundo contabiliza 25 milhões de óbitos em decorrência da Aids.

Enquanto os dentes afiados dos especuladores agem livres, leves e soltos nas praças financeiras em busca das maiores taxas de juros e da valorização de commodities, corpos de inocentes vão tombando ao chão pela falta de acesso à água potável e pela crônica desnutrição – a cada 3 segundos uma pessoa morre de fome no mundo. Só na Somália, as Nações Unidas estimam que 3,9 milhões de pessoas estejam passando fome, o que equivale à 40% da população (dados de 2011).

No entanto, bastaria menos de 0,5% do PIB mundial para acabar de uma vez por todas com essa sandice chamada fome e desnutrição. Já que há um Fundo de Estabilidade Financeira, por que não é criado um Fundo de Amparo à Fome e a Desnutrição? Já que há um Mecanismo de Estabilidade para salvaguardar bancos, por que ainda ninguém pensou em criar um Mecanismo de Moralidade para decretar o fim da pobreza e da miséria no mundo?

---

**Safra recorde e saldo comercial ameaçados com apagão logístico. Eliane Oliveira e Cristiane Bonfati – O Globo, Economia. 06/04/2013**

*Para Ministério da Agricultura, despreparo do país prejudica escoamento de soja e milho*

BRASÍLIA — O atraso nos embarques de produtos do complexo de soja e milho, provocado pelo despreparo do Brasil para escoar e exportar uma safra recorde de quase 200 milhões de toneladas de grãos, causará estragos enormes na balança comercial brasileira, caso os gargalos não sejam resolvidos no primeiro semestre. A avaliação é do secretário de relações internacionais do Ministério da Agricultura, Célio Porto.

Segundo ele, o Brasil precisa correr para aproveitar o período de entressafra nos Estados Unidos — que vai até agosto — para vender seus produtos no exterior. Depois de uma quebra ocorrida em 2012, a safra americana baterá novo recorde com uma produção de 329 milhões de toneladas de milho e 86 milhões de toneladas de soja, respectivamente, segundo dados extraoficiais.

O apagão logístico ameaça o escoamento da supersafra, crucial para melhorar o resultado da balança comercial brasileira. Para se ter uma ideia da importância do agronegócio, a balança do setor apresentou um superávit de US\$ 79,408 bilhões em 2012, garantindo um saldo positivo de US\$ 19,431 bilhões no resultado global.

— Neste momento, não nos surpreende a grande quantidade de caminhões levando soja e milho para o porto. A questão é que o gargalo pode causar atraso — disse Porto.

O consultor de logística da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) Luiz Antônio Fayet queixou-se da falta de apoio e do limitado horário de funcionamento das instituições públicas no Porto de Santos, onde há mais problemas detectados. Disse ainda que falta um programa de gestão para organizar a estrutura portuária.

— Estamos falando sobre isso desde 2005 e o problema aconteceu conforme prevíamos. A presidente Dilma Rousseff está pagando uma conta que não é dela. Vamos passar de três a cinco anos pensando ainda — Fayet.

#### *Custos maiores para exportadores*

Para o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, além dos gargalos de infraestrutura e logística, que dificultam o escoamento e a exportação de grãos, o sistema é burocratizado e ineficiente.

— O que está acontecendo agora é uma crônica anunciada— enfatizou Castro.

Na avaliação do economista Fábio Silveira, da RC Consultores, os problemas logísticos no caminho para os portos vão encarecer os custos dos exportadores. No entanto, ele acredita que esse entrave não vai se refletir no resultado da balança comercial, que deve registrar superávit de US\$ 8 bilhões no fim do ano, segundo projeção da consultoria. A estimativa é que só o agronegócio responda por um superávit próximo a US\$ 70 bilhões. Outros setores, como o de petróleo e derivados e o de bens de capital, apresentarão déficit.

— (O problema logístico) vai aumentar o custo para exportar. Mas a safra deste ano vai contribuir em boa medida para evitar um superávit zero ou negativo — disse Silveira.

De acordo com Rafael Bueno, responsável pela área de armazenagem da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Brasil tem hoje 143 milhões de capacidade estática instalada, com poucos déficits pontuais, em lugares onde a agricultura está deslanchando somente agora. São exemplos determinados municípios das regiões Centro-Oeste e Norte. Bueno admitiu que qualquer problema na ponta que dificulte o escoamento e o embarque da safra pode atrapalhar o fluxo e, portanto, fazer com que o volume de produtos que precisam ser estocados fique maior do que a oferta de armazéns, o que ainda não aconteceu.

— A armazenagem no Brasil é diferente da de outros países, como os do Hemisfério Norte. Os estoques são sempre renovados rapidamente e, por isso, de forma geral não há problemas — disse.

Para Luiz Henrique Dividino, superintendente do Porto de Paranaguá (PR) — o mais eficiente para o embarque de grãos e desembarque de adubos e fertilizantes — são necessárias medidas de adequação e divulgação dos serviços.

— Criamos um canal de comunicação com os caminhoneiros, informando, por exemplo, sobre eventuais problemas nas rodovias; sinalizamos melhor as estradas em direção ao porto e funcionamos 24 horas por dia — disse Dividino.

Renato Barco, presidente da Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp), disse que, em função de medidas tomadas ao longo dos últimos dias, a operação do Porto de Santos está dentro de um “padrão razoável de atendimento”, sem congestionamentos. Ele citou mudanças como separação no fluxo das rodovias e segregação de caminhões, de acordo com o seu conteúdo.

---

### **Alemanha ensina a agregar valor ao café. Assis Moreira – Valor Econômico, Empresas. 09/04/2013**

A Alemanha importa cada vez mais café verde do Brasil e do Vietnã para sustentar sua posição de grande torrefador e maior país reexportador do produto do mundo, com ganhos de centenas de milhões de dólares nessas transações.

Empresas alemãs têm obtido 74% a mais do que pagam pelas importações, em média, com o valor que agregam ao café (processamento, torrefação, distribuição, marketing), de acordo com estimativa da Organização Internacional do Café (OIC).

O café que movimenta a indústria do segmento na Alemanha vem sobretudo dos dois maiores produtores globais: Brasil e Vietnã. O café brasileiro representou 34% do total importado pela Alemanha em 2011, e continua em alta. Basta ver que as importações de café originário do Brasil representaram 12,9% do total entre 1990 e 1999, percentual que subiu para 27,6% entre 2000 e 2011, na média.

Nesse período, o Vietnã se consolidou como segundo maior fornecedor de café para a Alemanha, pulando de 3,7% (média anual de 1990 a 1999) para 18% do total importado pelo país europeu em 2011, enquanto a fatia da Colômbia recuou de 25,1% (média anual de 1990 a 1999) para 2%. Conforme a Associação Alemã de Café, "a oferta da Colômbia não atende à demanda alemã tão bem quanto a de outros países".

No total, a Alemanha importou 17,7 milhões de sacas de 60 quilos de café por ano, em média, entre 2000 e 2011 - em 2012, comprou 21, 8 milhões de sacas.

Essas compras alimentaram um volume anual médio de reexportações de 8,6 milhões de sacas, destinadas a 150 países e responsáveis por uma receita de US\$ 1,8 bilhão. A Alemanha tem 28% desse nicho de mercado. Responde por 46,2% das reexportações globais de café verde, 21,9% de café torrado e 18,8% de café solúvel.

Para a OIC, a venda alemã, inclusive de café verde, confirma a importância das redes de transportes do país, já que tornam viáveis as compras do produto de países exportadores e as exportações para outros destinos.

O restante importado representa o consumo anual alemão, de 9 milhões de sacas de café. Esse volume se transforma em 453.782 toneladas de café torrado, gerando renda próxima de US\$ 4 bilhões - levando-se em conta o valor agregado bruto obtido no atacado, de acordo com o economista-chefe da OIC, Denis Seudieu.

Assim, com US\$ 2,5 bilhões em importações por ano, a Alemanha faturou US\$ 5,8 bilhões, ou seja, mais do dobro por meio de reexportação e de vendas pelos torrefadores para o varejo alemão. Em comparação, o Brasil obteve receita cambial de US\$ 6,3 bilhões no ano passado com as exportações de 28,2 milhões de sacas, que em parte tomaram o rumo do mercado alemão.

Na Alemanha, um dos maiores ganhadores no negócio do café é a rede de supermercados Aldi, com 9,8 mil pontos de venda no mundo e que na Europa compete com a Tesco e com o Carrefour.

Outros ganhadores são o grupo torrefador Alois Dallmayr Kaffee, no qual a Nestlé tem participação de 25%; a Mondelez International, que se separou da Kraft Foods, passou a operar como companhia independente e pagou US\$ 28,8 milhões à sua presidente Irene Rosenfeld, um aumento de 40% em relação a 2011, o grupo J.J.Darboven, que oferece uma seleção de 50 misturas de café; e o grupo Tchibo, que começou no ramo do café, expandiu-se para o varejo e faturou € 3,5 bilhões no ano passado.

Em fevereiro de 2011, o conselho diretor da OIC examinou um estudo de seus economistas sobre a cadeia de valor do café em nove países - Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Holanda, Reino Unido e Suécia -, que representam 70% do consumo de todos os importadores.

O estudo concluiu que esses países ganharam US\$ 28,8 bilhões com o valor agregado para um consumo de 56,3 milhões de sacas de café em 2009. O ganho deles é muito

maior do que as receitas de exportação de todos os países produtores no mesmo período, estimadas em US\$ 13,3 bilhões.

O valor agregado baixa para US\$ 22,4 bilhões com a aplicação de um índice deflator das Nações Unidas, mas ainda assim esse montante representa 68,4% mais do que a receita total dos exportadores do café verde. O valor agregado no café chega a 86% no Japão e na Holanda e a 67% nos Estados Unidos, de acordo com os dados da OIC.

Essa situação espelha parcialmente a política comercial de países industrializados, que impõem tarifas de importação elevadas para o produto com valor agregado mas baixam ou zeram a alíquota incidente sobre a matéria-prima. Um dos itens da negociação da Rodada Doha, que está bloqueada na Organização Mundial do Comércio (OMC), era a tentativa de países em desenvolvimento de desmantelar a chamada "escalada tarifária" imposta por mercados desenvolvidos.

---

### **Demanda europeia e sustentabilidade – Site da Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Assuntos econômicos, Cereais, Fibras e Oleaginosas. 10/04/2013**

Trazer um panorama das demandas do mercado internacional e da capacidade brasileira de produzir alimentos com sustentabilidade. Este é o objetivo do Simpósio internacional sobre iniciativas de sustentabilidade e tendências na Europa e na América Latina: identificação e promoção de sinergias. O evento que acontece na Federação da Agricultura e Pecuária do MS (Sistema Famasul), de hoje, 10 de abril, até sexta-feira, será composto, também, por workshops abordando a formação de clusters para exportação e análises da cadeia produtiva da soja e da pecuária de corte.

O simpósio terá participação de representantes de entidades do setor agropecuário da Alemanha, Bélgica, Hungria e México. Serão apresentados casos de sucesso de produção sustentável e informações que envolvem o setor de ponta a ponta, do produtor rural ao consumidor final. Além disso, serão discutidas perspectivas e tendências do mercado na Europa e na América Latina.

Em debate estará a sustentabilidade na cadeia de valor da pecuária e da soja no Brasil, a perspectiva para as relações comerciais do agronegócio para a América Latina e a sustentabilidade nas cadeias de produção de alimentos, dentro da experiência da União Europeia.

Especialistas da Bélgica e da Alemanha falarão sobre suas experiências e enfatizarão as perspectivas do mercado europeu. Outro destaque é a palestra de Roberto Zambrano, com o tema: Perspectiva Mexicana sobre a sustentabilidade na cadeia produtiva da carne. Está confirmada ainda a presença do secretário de política agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Neri Geller.



Na abertura, será apresentado o Projeto Salsa que conta com recursos da União Europeia e visa criar instrumentos para estruturação das cadeias citadas, monitorando, indicando gargalos, oferecendo instrumentos de correção e facilitando o contato entre empresas brasileiras e europeias.

Segundo o pesquisador da Embrapa e coordenador do projeto, Davi José Bungenstab, o Salsa identifica qual é a demanda europeia e a repassa aos empresários do setor. “O término do projeto é maio de 2014, mas temos o propósito de deixar uma plataforma de comunicação entre empresas brasileiras e europeias. Além disso, pretende mostrar ao consumidor final as informações sobre a origem do alimento”, comenta Davi. O projeto envolve 12 instituições de 10 países e realiza encontros anuais. Desta vez, o Brasil foi escolhido para receber seus integrantes.

No dia 11, será realizado o workshop ‘Clusters para exportação sustentável nas cadeias produtivas de carne bovina e soja’. Dentro da programação há a palestra do assessor técnico do Sistema Famasul, Lucas Galvan, com o tema: O papel da Aprosoja/MS na promoção e sustentabilidade na cadeia produtiva da soja brasileira. Na sexta-feira acontecerá o workshop ‘Propostas de plataforma integrada para análises de sustentabilidade nas cadeias produtivas da carne bovina e soja na América Latina’. Os workshops são fechados para participantes convidados.

O evento, promovido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Sistema Famasul, Universidade Federal de Viçosa e Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), é aberto, as inscrições são gratuitas e haverá tradução simultânea inglês-português.

---

## **Moçambicanos denunciam a saga do agronegócio em usurpar suas terras. Aunício da Silva – Site do MST. 10/04/2013**

### *Do Canal de Moçambique*

O Governo de Moçambique tem vindo nos últimos dois anos a propalar um novo programa de produção e comercialização agrícola, denominado “ProSavana”, a ser operacionalizado através de uma parceria tripla (entre Moçambique, Brasil e Japão), esperando-se que possam ser usados milhões de hectares de terra nas províncias do Niassa, Zambézia e Nampula, dentro do chamado “Corredor de Nacala”.

O interesse do Brasil em investir no Corredor de Nacala surge a partir da visita do ministro moçambicano da Agricultura, José Pacheco, àquele país, quando anunciou a existência de extensas áreas de terra que não estão sendo usadas, e propagandeou que em Moçambique um hectare de terra custa 15 meticais (cerca de \$0.50, cinquenta centavos do dólar americano) por ser propriedade do Estado.

O ProSavana já foi vítima de muitas críticas desde acadêmicas e organizações da Sociedade Civil e, muitas posições já foram tornadas públicas a esse propósito.

Se por um lado a implementação de projetos de agricultura intensiva podem ser à priori considerados bem-vindos a Moçambique, o Canal de Moçambique está na posse de três posicionamentos que não aconselham a implementação do ProSavana, contrariando a posição do Governo representado pelo Ministério da Agricultura em defender o contrário.

Trata-se de posicionamentos das organizações Justiça Ambiental (JA!), União Nacional dos Camponeses (UNAC) e Plataforma Provincial da Sociedade Civil de Nampula.

O ProSavana é um programa bastante ambicioso que para alguns é bom mas para outros “experts” na matéria, poderá levar a que muitas famílias, que dependem da agricultura para a sua sobrevivência, venham a perder as suas terras. O Governo moçambicano não quer admitir isso.

Reflexões vindas de fora do país acreditam numa futura colonização dos moçambicanos e, como se acredita, o projeto vai servir para que o Brasil pague as suas dívidas ao Japão no âmbito do PRODECER avaliadas em R\$ 400 milhões.

#### *Posicionamento da Plataforma da Sociedade Civil em Nampula*

A Plataforma da Sociedade Civil de Nampula faz parte do setor que não vê o ProSavana com bons olhos. Entende que na implementação do ProSavana alguns aspectos devem ser respeitados, nomeadamente a garantia do cumprimento e respeito da legislação vigente. Quer que sejam respeitados e verificados os padrões de sustentabilidade das comunidades locais e que se realize uma monitoria e avaliação periódica do cumprimento dos acordos assinados entre as três partes intervenientes (Japão, Brasil e Moçambique), incluindo os acordos com os beneficiários diretos. No seu posicionamento, a Plataforma da Sociedade Civil de Nampula levanta determinadas questões alicerçadas em três pilares, nomeadamente a sustentabilidade, a legislação e a monitoria e avaliação do programa.

Quanto à sustentabilidade, a Plataforma da Sociedade Civil de Nampula defende que as partes envolvidas, particularmente as comunidades, tenham conhecimento das vantagens e desvantagens do ProSavana; que haja participação das comunidades/vítimas; que as condições de emprego sejam dignas e permanentes e não sazonais e precárias; que seja garantida a segurança alimentar e nutricional das famílias residentes nas regiões onde será implementado o Programa.

Aqui, a Plataforma da Sociedade Civil de Nampula apela para que os processos de reassentamento sejam acautelados e conduzidos sem prejuízo das comunidades e que sejam usadas técnicas de produção ambientalmente aceitáveis: proteção da biodiversidade e das espécies nativas, uso correto de agroquímicos e não uso de sementes e outros organismos geneticamente modificados.

No âmbito da legislação, lê-se no posicionamento da Plataforma da Sociedade Civil de Nampula que as instituições públicas relacionadas com a implementação deste programa sejam guardiãs dos seus interesses, cofiscalizadoras, íntegras, transparentes e

não corruptas; que os processos de consulta comunitária sejam abrangentes e públicos bem como os processos de avaliação das terras consideradas “disponíveis”. Esta plataforma da sociedade civil, na chamada capital do Norte, quer ainda que os interesses econômicos/lucros privados não estejam acima dos interesses sociais, culturais, ambientais, como forma de salvaguardar o patrimônio sócio-cultural. Quer também que sejam acautelados os direitos costumeiros das comunidades sob risco de desestruturação social.

Para a monitoria do ProSavana, a Plataforma da Sociedade Civil de Nampula defende que as partes e outros interessados tenham acesso à informação relacionada com o ProSavana e que os acordos com as comunidades sejam públicos e monitorados pela sociedade civil.

#### *Posicionamento da organização “Justiça Ambiental”*

Em janeiro de 2013, a Justiça Ambiental emitiu a sua posição em relação ao ProSavana, baseando-se na posição da União Nacional dos Camponeses (UNAC) e, chama a atenção para os ganhos que Moçambique não vai tirar do mesmo.

Diz a Justiça Ambiental que “o ProSavana é inspirado no PRODECER, um programa de desenvolvimento agrário Nipo-Brasileiro desenvolvido no Cerrado Brasileiro desde a década de 70”. “Referido pelos governos Brasileiro, Japonês e Moçambicano como um caso de sucesso”, acrescenta a Justiça Ambiental, “o PRODECER promoveu a distribuição e posse de terra para estrangeiros e tornou o Brasil um ávido promotor de práticas de usurpação de terra no exterior”.

Ainda segundo a Justiça Ambiental, “através do ProSavana o Brasil pretende exportar para Moçambique um modelo de desenvolvimento agro-industrial que falhou no Brasil, onde mais de 65 milhões de brasileiros se encontram em situação de insegurança alimentar e milhões de pessoas lutam pelo acesso à terra para produção de alimento assegurando um meio de subsistência”.

Entende a Justiça Ambiental que o programa ProSavana “foi hábil e convenientemente embrulhado numa elegante linguagem “verde” e tem sido apresentado aos moçambicanos e à comunidade internacional como um programa de “desenvolvimento agrícola sustentável”.

Entendendo que todas as terras do Corredor de Nacala estão ocupadas pelos camponeses, defende a Justiça Ambiental que “a fundamentação e propósitos do ProSavana promove a usurpação de terra e a expulsão dos milhares de camponeses locais que desta dependem” (sic).

“A Justiça Ambiental/FOE Moçambique condena veemente todo o processo de elaboração e implementação do ProSavana” – lê-se na posição da organização em nossa posse.

#### *Posicionamento do Núcleo de Camponeses (UNAC)*

Entretanto, reunidos em dezembro do ano passado na cidade de Nampula, os Núcleos

dos Camponeses das províncias da região Norte, Nampula, Zambézia, Niassa e Cabo Delgado, concluíram que o “ProSavana é resultado de uma política que vem do topo para a base, sem no entanto levar em consideração as demandas, sonhos e anseios da base, particularmente dos camponeses do Corredor de Nacala” e, por isso, eles disseram: “condenamos veementemente qualquer iniciativa que preconize o reassentamento de comunidades e expropriação de terra dos camponeses, para dar lugar a Megaprojetos agrícolas de produção de monoculturas (soja, cana-de-açúcar, algodão)”.

“Condenamos a vinda em massa de fazendeiros brasileiros que se dedicam ao agronegócio, transformando camponesas e camponeses moçambicanos em seus empregados e em trabalhadores rurais” (sic) – escrevem os núcleos da UNAC da região norte do país.

Dizem os camponeses que o Corredor de Nacala debate-se com a falta de disponibilidade “dessas extensões de terra, visto que a mesma é usada por camponeses com recurso à técnica de pousio” e, como resultado, um dos impactos poderá ser “o surgimento de comunidades sem terra em Moçambique”.

Outros impactos negativos que a UNAC entende que poderão surgir com a implementação do ProSavana são “frequentes convulsões sociais ao longo do Corredor de Nacala, e não só; empobrecimento das comunidades rurais e redução de alternativas de sobrevivência; aumento da corrupção e conflitos de interesses; poluição dos recursos hídricos como resultado do uso excessivo de pesticidas e fertilizantes químicos, bem como o empobrecimento dos solos; desequilíbrio ecológico como resultado de desmatamento de extensas áreas florestais para dar lugar aos projetos de agronegócio”.

Em jeito de recomendação, a UNAC diz ainda que “se é para se investir no Corredor de Nacala, ou em Moçambique em geral, recomendamos e exigimos que esses investimentos sejam feitos prioritariamente para desenvolver a agricultura e a economia camponesa, que nós, membros da UNAC e membros da Via Campesina, sabemos que é a única agricultura capaz de criar empregos dignificantes e duradouros, conter o êxodo rural, produzir alimentos de qualidade e em quantidade suficiente para toda a Nação moçambicana, e assim favorecer o caminho para atingirmos a soberania alimentar”.

*“PRODECER: Projetos no cerrado e dívidas agrícolas”*

Um artigo da autoria de Neide Mayumi Osada, intitulado “PRODECER: Projetos no cerrado e dívidas agrícolas”, publicado pela Publicación Carta Asiática, refere que as atividades concretas do Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados, iniciaram efetivamente em 1978, estando agora na terceira fase, ou seja, PRODECER III.

No entanto, o que importa no artigo de Neide Mayumi Osada é o fato de perceber-se que para o PRODECER IV ser implementado, ou seja, para o governo japonês liberar os cerca de 510 milhões para o início do desenvolvimento da quarta fase depende do pagamento de uma dívida estimada em 400 milhões de Reais.

Entretanto, os recursos para o financiamento do PRODECER “vieram de fontes institucionais do governo e bancos privados, liderado pelo Long Term Credit Bank, que são co-financiadores. Os projetos-piloto foram financiados pela Japan International Cooperation Agency (JICA) e o projeto de expansão pelo Overseas Economic Cooperation Fund (OECF) ”.

Na primeira fase do PRODECER “estabelecido a partir de 1979, foram incorporados 70 mil hectares do cerrado para o desenvolvimento de tecnologia para a produção de grãos, principalmente milho, soja e trigo. O valor do investimento foi de 50 milhões de dólares americanos” – escreve Osada.

Essa fase foi desenvolvida nos municípios de Iraí de Minas, Coromandel, Paracatu e Paracatu-Entre-Ribeiros, no Estado de Minas Gerais. Já na sua segunda fase, o PRODECER II, iniciada em 1985, a área abrangida foi maior que a primeira (200 mil hectares) e os investimentos japoneses foram de 350 milhões de dólares americanos, tendo sido desenvolvido nos estados de Minas Gerais, Goiás, Bahia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Foi nessa fase que tudo começou, pois, “por problemas financeiros, uma auditoria coordenada pelo secretário executivo do Ministério da Agricultura, detectou uma dívida bancária dos produtores agrícolas brasileiros do PRODECER II estimada em cerca de 400 milhões de Reais”.

“Essa dívida foi resultado, principalmente, do desrespeito a uma das principais cláusulas do contrato, que foi a de não cobrar juros internos superiores às taxas fixadas pelo Japão para o repasse dos recursos”, bem como “os sucessivos planos de ajuste econômico desde o início do desenvolvimento do projeto em 1985 e, além disso, os produtores agrícolas foram estabelecidos pelo governo, o que não acontece com os insumos agrícolas” – defende Osada.

Todavia, para que seja financiada a quarta fase do programa, é necessário que os produtores agrícolas do Brasil paguem a dívida contraída na segunda fase.

A quarta fase do PRODECER está avaliada em 510 milhões de dólares americanos. Assim, o PRODECER III, em fase de implementação, cobre uma área de 80 mil hectares nos estados de Maranhão e Tocantins e o investimento para a fase inicial foi de 138 milhões de dólares americanos. Até esta fase, o custo total é de US\$ 850 milhões, sendo que 60% do custo do programa virá do governo japonês e o restante do governo brasileiro.

Segundo consta da matéria de Neide Mayumi Osada, o PRODECER gerou cerca de 20 mil empregos diretos e 40 mil empregos indiretos, contribuiu para o aumento da produção anual de grãos, que registrou nos últimos anos um volume aproximado a 620 mil toneladas.

#### *Os ganhos mútuos*

Porém, uma das principais questões que têm sido discutidas é referente aos ganhos que cada um dos países vai tirar do programa.

Para o Brasil, sabe-se que precisa produzir e vender aos japoneses para pagar a dívida do PRODECER II e, para Moçambique nada está claro em termos de ganhos. O Japão vai proceder a recolha da produção dos fazendeiros brasileiros e, exportar para os mercados asiáticos.

A estratégia “win-win” (ganhos equiparáveis), propalada no programa, só deixa claro os ganhos para o Brasil, que vai trazer para Moçambique fazendeiros colonos. E o Japão que vai ter a produção dos brasileiros.

Para Moçambique não se sabe quais serão as vantagens práticas deste negócio, nos termos do compromisso tri-partite.

---

### **Nigéria busca expertise brasileira em abastecimento – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 10/04/2013**

A Conab recebeu esta semana representantes do governo nigeriano. A delegação, organizada pela embaixada da Nigéria, veio ao país com o intuito de conhecer as políticas agrícolas e de abastecimento desenvolvidas pela Companhia.

Nesta quarta-feira (10), o superintendente de Gestão de Oferta da estatal, Paulo Morceli, apresentou a Política de Garantia de Preços Mínimos uma importante ferramenta para impulsionar a agricultura, além de regularizar o abastecimento alimentar do país. "Esta foi uma oportunidade para detalhar a execução da Política, com informações sobre a operacionalização de compras e vendas, os cálculos utilizados para estipular os preços mínimos, entre outros detalhes mostrados", ressaltou.

Ontem, o Ministro da Agricultura da Nigéria, Akinwunmi A. Adesina foi recebido pelo presidente da Conab, Rubens Rodrigues dos Santos, e por diretores da companhia. A reunião de trabalho durou cerca de duas horas. "Para nós a agricultura não é uma atividade, é um negócio, e nosso objetivo é que consiga superar o petróleo pois não podemos comer petróleo", afirmou o ministro africano. "Para isso, precisamos aprender com o Brasil", destacou, lembrando que atualmente a Nigéria importa grande parte dos alimentos que consome.

Segundo a embaixada da Nigéria, a vinda da missão africana é uma continuidade à visita realizada pela Presidenta Dilma Rousseff àquela país em fevereiro deste ano. A intenção é dialogar com as autoridades governamentais brasileiras para intensificar a cooperação entre os dois países, principalmente na área agrícola, de modo a garantir a segurança alimentar.

A missão nigeriana permanece no Brasil durante toda a semana.

---

## **Cooperativa vende robusta para Cuba. Tarso Veloso – Valor Econômico, Empresas. 15/04/2013**

Agricultores familiares do Espírito Santo fecharam um acordo para a exportação de 1,2 mil toneladas de café robusta (conilon) para Cuba, por US\$ 3 milhões. A Cooperativa Agropecuária Centro-Serrana (Coopeavi), selecionada pelo governo cubano, vai entregar cerca de 10% de sua produção anual. Desde 2005, o governo brasileiro oferece crédito a Cuba para a compra de alimentos, e parte do valor é usada para compra de café. Em média, o país compra todos os anos entre 8 mil e 9 mil toneladas de café brasileiro, o que equivale a cerca de US\$ 23 milhões.

A expectativa para a compra inicial era de 600 toneladas de café, volume que, após negociações, mais do que dobrou. A carga será entregue em duas etapas. A primeira, marcada para maio deste ano, será de 7,8 mil sacas e deve beneficiar mais de 50 famílias de agricultores. Em agosto, a cooperativa enviará as 12,6 mil sacas restantes. De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o Brasil foi responsável por 93% do café importado por Cuba em 2011.

A expectativa para 2013 é que o governo brasileiro financie cerca de US\$ 50 milhões de exportação de alimentos para Cuba, cuja demanda pode ser atendida também pela agricultura familiar brasileira, uma vez que o setor familiar responde por grande parte da produção de itens como feijão preto (76%), arroz (35%), milho (47%) e frango (50%).

Para fornecer o café, a Coopeavi participou de um processo de seleção organizado pelo governo cubano que incluiu cinco cooperativas. Três foram aprovadas pela CubaCafé, estatal cubana responsável pela torrefação e distribuição do café no país. A Coopeavi foi a escolhida por dispor de maior quantidade, melhor infraestrutura e ter experiência na exportação do produto.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário dará treinamento às cooperativas da agricultura familiar de diversas culturas para que participem de processos semelhantes ao realizado com a cadeia do café.

---

## **Agricultura familiar exportará mais de R\$ 6 milhões em café para Cuba – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 17/04/2013**

Agricultores familiares do Espírito Santo comemoram o acordo de exportação de mais de 1,2 mil toneladas de café Conillon (Robusta) para Cuba. A transação corresponde a 10% da produção anual da Cooperativa Agropecuária Centro Serrana (Coopeavi), selecionada pelo governo cubano.

Desde 2005, o governo brasileiro, via Câmara Brasileira de Comercio Exterior (Camex), oferece a Cuba crédito para compra de gêneros alimentícios, viabilizando, por outro lado, a exportação de empresas brasileiras para aquele país. Anualmente, parte deste

crédito é usada para a compra de café, um dos produtos mais importantes da cesta básica cubana. Em média, o país compra todos os anos entre oito e nove mil toneladas de café brasileiro, o que equivale a mais de US\$ 23 milhões.

#### *Renda*

A expectativa para a compra inicial era de 600 toneladas de café, quantidade que, após negociações, mais do que dobrou. A compra movimentou US\$ 3.142.724,13, o equivalente a mais de R\$ 6 milhões, valor a ser pago com aporte de 15% do governo de Cuba e os demais 85% financiados pelo do Programa de Financiamento às Exportações (Proex).

As 20,5 mil sacas de café, negociadas a R\$ 275 cada, (valor R\$ 7 acima do preço praticado no mercado com produtos similares na data da negociação), segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), serão entregues em duas etapas. A primeira, marcada para maio deste ano, contemplará 7,8 mil sacas de café e deve beneficiar mais de 50 famílias de agricultores. Em agosto, a cooperativa enviará as 12.675 sacas restantes, incluindo a produção de cerca de 100 famílias.

De acordo com o TradeMap, o Brasil foi responsável por 93% do café importado por Cuba em 2011. O café Conillon representa aproximadamente 33% da produção brasileira total de café, e é encontrado principalmente nos estados do Espírito Santo, Rondônia e Bahia. Segundo dados do último Censo Agropecuário, de 2006, a agricultura familiar é responsável por 38% da produção nacional de café, envolvendo mais de 196 mil estabelecimentos agropecuários, onde esta cultura representa no mínimo um terço da renda das famílias.

#### *Potencial de mercado*

O crédito oferecido a Cuba faz parte do Programa de Financiamento às Exportações (Proex), um projeto do Governo Federal de apoio às exportações brasileiras de bens e serviços, que viabiliza o financiamento em condições equivalentes às praticadas no mercado internacional. A expectativa para 2013 é que o governo brasileiro financie cerca de US\$ 50 milhões de exportação de alimentos para aquele país, cuja demanda pode ser atendida também pela agricultura familiar brasileira, uma vez que o setor familiar responde por grande parte da produção de itens como feijão preto (76%), arroz (35%), milho (47%) e frango (50%).

Com a participação neste mercado, o Brasil ajuda na manutenção da segurança alimentar cubana, pois atualmente cerca de 80% dos gêneros alimentícios consumidos no país são importados. Além disso, o processo de inclusão da agricultura familiar nessa exportação fortalece o setor e gera mais renda para as famílias rurais brasileiras.

Ao mesmo tempo, o Brasil está comprometido com o fortalecimento da produção da agricultura familiar cubana contribuindo para que a ilha caribenha alcance suas metas de soberania alimentar. Com efeito, Cuba participa do “Mais Alimentos Internacional” um programa de cooperação técnica do governo brasileiro voltado ao fortalecimento da



capacidade produtiva da agricultura familiar nos países em desenvolvimento, coordenado pelo MDA. No âmbito do Mais Alimentos Internacional, a Camex aprovou um crédito de R\$70 milhões para exportação de máquinas e equipamentos que auxiliarão o desenvolvimento da agricultura familiar de Cuba. O público-alvo do termo de cooperação é constituído pelos beneficiários (as) do Decreto Lei 259, publicado pelo Governo de Cuba em 2008, por meio do qual o país distribuiu terras estatais, no regime de usufruto, para mais de 168 mil de agricultores (as).

#### *Processo de seleção*

A Coopeavi participou de um processo de seleção organizado pelo governo cubano que indicou cinco empreendimentos da agricultura familiar aptos a participarem da concorrência. Destas, três foram aprovadas pela CubaCafé, empresa estatal cubana responsável pela torrefação e distribuição do café no país. Embora todos os empreendimentos tenham apresentado o padrão de qualidade exigido, a Coopeavi foi a primeira selecionada por dispor de maior quantidade, melhor infraestrutura e já possuir experiência na exportação do produto.

“Com base nessa primeira experiência, começaremos um processo de capacitação das cooperativas produtoras de café para exportação”, explica o chefe da Assessoria para Assuntos Internacionais e de Promoção Comercial do MDA, Francesco Pierri.

O objetivo da articulação do MDA é preparar as cooperativas da agricultura familiar para que elas ocupem cada vez mais espaço neste mercado. Além disso, as cadeias produtivas de carnes, óleo de soja e leite em pó também receberão atenção do MDA para participar de processos semelhantes ao realizado com a cadeia do café. Estes gêneros alimentícios já são exportados pela agricultura familiar brasileira de forma direta ou de forma integrada a outras cadeias.

---

#### **CNA participa de conferência de agribusiness no Morgan Stanley – Site da Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária (CNA), Assuntos Econômicos. 19/04/2013**

Diretores de 22 fundos de investimento de cinco países interessados em conhecer o potencial do agronegócio brasileiro para investir no Brasil participaram da Conferência Global sobre Agribusiness, promovida pelo Morgan Stanley em São Paulo, na semana passada. Os ativos gerenciados por estes fundos estão na casa dos 30 bilhões de dólares, quantia relevante sobretudo se considerarmos que estes recursos equivalem a 10% do PIB (Produto Interno Bruto) do agronegócio.

Por uma hora e meia, eles ouviram a presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), senadora Kátia Abreu, falar sobre “Cenários de Produção e Crescimento da Agropecuária Brasileira”. A senadora mostrou a força do agronegócio que está em ascensão no país e gerou um superávit de R\$ 482 bilhões para economia brasileira nos últimos 16 anos.

O Morgan Stanley é uma instituição bancária que atua como corretora de títulos e valores mobiliários e avalia classificação de risco para investimentos no Brasil. Participaram da conferência promovida pelo banco 27 gestores de instituições financeiras do Brasil, Estados Unidos, China, Reino Unido, Bélgica e Canadá, todos em busca oportunidades de negócio no país.

---

### **Argentina e combustíveis derrubam exportações da indústria em 8,2%. Luiz Guilherme Gerbelli – O Estado de São Paulo, Economia. 19/04/2013**

*Queda é fruto das barreiras comerciais e baixo crescimento da Argentina, do recuo de quase 45% na exportação de combustível e da falta de competitividade da indústria brasileira*

SÃO PAULO - A exportação de produtos manufaturados caiu 8,2% no primeiro trimestre deste ano na comparação com o mesmo período de 2012. O levantamento da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) - com base nos dados do Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e Comércio Exterior - também mostra uma queda de 5,2% no acumulado em 12 meses.

A venda dos produtos dessa classe está sendo prejudicada pelas barreiras comerciais e baixo crescimento da Argentina, pelo recuo de quase 45% na exportação de combustível e pela já conhecida falta de competitividade da indústria brasileira. A fatia histórica da Argentina na importação de produtos manufaturados brasileiros é de cerca de 20%. No primeiro trimestre, as exportações ao país caíram 10,4%.

O saldo da balança comercial até março está negativo em US\$ 5,2 bilhões. No ano, as exportações totais caíram 7,7%, enquanto as importações subiram 6,3%.

"Estamos um pouco mais pessimistas do que nós estávamos no fim de 2012, quando notamos um crescimento para os nossos mercados. Mas, agora, houve uma mudança bastante forte com a queda nos manufaturados", afirma Rodrigo Branco, economista da Funcex.

Parte do resultado ruim da balança também pode ser atribuído ao recuo de 8,4% na venda de produtos básicos, prejudicada pelo atraso do embarque da soja e do milho. O resultado dos produtos básicos deve melhorar conforme a supersafra começar a ser escoada. "Se a soja já tivesse entrado na balança comercial, o déficit atual seria muito pequeno ou não existiria", diz Branco.

A queda na exportação dos produtos manufaturados deve fazer do Brasil um país ainda mais "agrodependente". No acumulado de 12 meses encerrados em março, a exportação de básicos correspondeu a 46,7% de toda a pauta de exportação, enquanto os manufaturados representaram 37,3%. Os semimanufaturados ficaram com 13,8%.

"A nossa balança comercial está cada vez mais dependente do agronegócio. Os produtos agrícolas têm tido uma demanda maior por causa do alto consumo dos países asiáticos",

afirma Fabio Martins Faria, vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

A última estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) prevê a safra de grãos deste ano 12% maior que a do ano passado. Serão 181,3 milhões de toneladas.

*Saldo comercial.* Essa supersafra, porém, não vai ser suficiente para elevar o superávit comercial do Brasil neste ano. Em 2012, o saldo foi de US\$ 19,43 bilhões, o mais baixo em dez anos.

Para este ano, a previsão da Funcex é de um superávit de US\$ 13 bilhões. A AEB projeta um saldo positivo de US\$ 14,6 bilhões. Este número foi projetado no fim de 2012, mas deve ser revisto no meio do ano.

---

### **País não é estratégico na formação dos preços mundiais. Danielle Nogueira – O Globo, Economia. 20/04/2013**

*Brasil perde dos EUA em capacidade de armazenamento e escoamento da soja*

RIO - Rivais na produção de grãos, Brasil e Estados Unidos protagonizam disputa desigual pela liderança do agronegócio. E a logística — da disponibilidade de silos à escolha dos modais para escoar a safra — é o principal fator contra os brasileiros. O resultado é que, apesar de produzir com eficiência, o país não é estratégico na formação dos preços globais. Situação agravada com a falta de política agrícola que influencie os rumos do mercado de commodities, dizem analistas.

A logística para escoar a soja é exemplo da desigualdade. No Brasil, 82% da soja são transportados por rodovias, 16% por ferrovias e 2% por hidrovias; nos EUA, 15% são escoados por rodovias, 35% por ferrovias e 40% por hidrovias. Com economia de escala menor e más condições das estradas, o peso do frete no valor da tonelada de soja é bem maior aqui: 44%, contra 26% nos EUA.

— As rodovias são competitivas para distâncias de até 500 quilômetros, mas nossas carretas percorrem mais de dois mil quilômetros para levar a soja até o porto. Não garantimos economia de escala para diluir os custos fixos — diz Paulo Resende, coordenador do Núcleo de Logística da Fundação Dom Cabral.

Outro problema que o Brasil enfrenta é a falta de armazéns. A capacidade de armazenagem corresponde a 80% da safra. Nos EUA, é de 120%. Isso cria uma situação perversa, sobretudo no caso da soja. Como os EUA estocam o grão, conseguem controlar sua oferta no mercado e, assim, ser um país estratégico na formação de preços. A Bolsa de Mercadorias de Chicago, principal praça para comercialização de matérias-primas e referência internacional das cotações, reflete em grande parte o que acontece no mercado americano.

No Brasil, os produtores precisam escoar a produção rapidamente para que não apodreça, o que os leva a se submeterem a pressões da China, principal comprador da nossa soja. A suspensão de compra de dois milhões de toneladas de soja (6% do volume exportado em 2012) por uma trading chinesa mês passado, por causa do nó logístico, revela o poder de fogo asiático.

Semana passada, o produtor e senador Blairo Maggi (PR-MT) foi à China, a convite da Associação Brasileira do Agronegócio, para estreitar relações com o governo e tradings do país e mostrar como o Brasil pretende melhorar a infraestrutura.

— Os EUA têm política agrícola. Usam estoques para influenciar a oferta dos grãos e, assim, o preço. O Brasil simplesmente atende a demanda, não somos estratégicos na formação de preços e não temos política para isso — diz o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil, José Augusto de Castro.

Sem apitar na composição das cotações e com o caos logístico, os produtores de soja devem perder a oportunidade de ver a matéria-prima e os derivados galgarem um degrau na lista dos itens exportados. Hoje, o complexo da soja — grão, farelo e óleo — ocupa o segundo lugar da pauta, com US\$ 25,8 bilhões exportados em 2012. Só atrás do minério de ferro (US\$ 31 bilhões). A previsão da AEB era que o complexo atingisse US\$ 32,5 bilhões este ano, mas está revendo a projeção.

O secretário de Política Agrícola, Neri Geller, rebate as críticas da falta de política agrícola:

— Não somos os EUA. Eles têm ferrovias, armazéns, e a produção está se estabilizando. Aqui, a produção tem crescido muito e a infraestrutura avança num ritmo mais lento.

---

### **Eleição paraguaia marca retorno das oligarquias. Roberto Simon – O Estado de São Paulo, Internacional. 21/04/2013**

*Depois de uma ruptura com Fernando Lugo, colorados e liberais voltam a disputar o poder no país mais pobre do Cone Sul*

Ao menos uma parte do resultado das eleições de hoje no Paraguai já é conhecida desde a queda do presidente Fernando Lugo, há 10 meses: vença o colorado Horacio Cartes ou o liberal Efraín Alegre, o mais pobre país do Cone Sul retornou à centenária oposição entre duas oligarquias. É esse o Paraguai que deve ser recebido de volta no Mercosul a partir de agosto, quando toma posse o próximo presidente do país.

Apesar das acusações de envolvimento com o narcotráfico e outros crimes, o multimilionário Cartes era o grande favorito na corrida presidencial quando seu Partido Colorado se uniu aos liberais para derrubar Lugo, em junho. No entanto, Alegre, senador que foi ministro de Obras Públicas do ex-bispo, conseguiu reduzir a vantagem em uma intensa campanha para expor as supostas malfeitorias do rival.

"Cartes é o Paraguai do contrabando e da máfia; nós, o do agronegócio e da industrialização", disse o liberal ao Estado (mais informações nesta página). O candidato colorado, por outro lado, declinou os pedidos de entrevista. Como as pesquisas de intenção de voto no país não são confiáveis, poucos em Assunção ousam prever o resultado de hoje.

"Essa eleição prova que estavam errados aqueles que viram a eleição de Lugo, em 2008, como o fim da oposição entre as velhas oligarquias paraguaias, organizadas entre colorados e liberais", afirma Susana Aldana Amabile, da ONG de ação cívica Decidamos. "Hoje, a conclusão é que aquele governo foi apenas um breve intervalo na nossa história."

"A novidade dessas eleições é que os papéis entre colorados e liberais estão invertidos", aponta Susana. Os primeiros dominaram o poder por mais de seis décadas, até 2008, e sempre foram às urnas com uso de amplos recursos da máquina estatal. Quem governa desde a queda de Lugo, entretanto, são os liberais.

Riscos. Para que o status de Assunção no Mercosul volte ao normal, no segundo semestre, é preciso que as centenas de observadores internacionais no país certifiquem que a votação de hoje foi limpa. Tendo em vista a tradição política paraguaia, a tarefa não é das mais fáceis.

Em Chacarita, bairro pobre no centro de Assunção, não é difícil escutar relatos sobre venda de votos em massa. Moradores afirmam que funcionários das legendas oferecem dinheiro e comida; às vezes, pagam metade da quantia depois, ao conferir a lista de votação - todos os mesários são filiados a partidos.

Os habitantes de Chacarita, porém, temem falar abertamente sobre o tema. "Aproveitamos dos políticos uma vez para, depois, eles se aproveitarem de nós o ano inteiro", explica uma senhora.

Uma pesquisa do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) divulgada há duas semanas concluiu que um em cada quatro eleitores paraguaios foi transportado até centros de votação pelos chamados "operadores" dos partidos.

Esses funcionários também compram votos de comunidades inteiras, sobretudo em regiões mais pobres, negociando com líderes conhecidos como "punteros". A Igreja paraguaia lançou um apelo aos fiéis, na semana passada, dizendo que vender votos é "pecado".

Renate Weber, eurodeputada romena que chefia a missão de observadores da União Europeia, pondera que há vários tipos de interferência nas urnas, mas nem todas minam a credibilidade da votação. "O Estado paraguaio não está presente em várias regiões, como, por exemplo, no Chaco" afirma ela. "Os partidos, portanto, se ocupam de transportes e coisas básicas." No outro extremo, há a compra de cédulas, troca de votos por comida e violações graves. Na quinta-feira, foi divulgado na internet um vídeo de

um senador colorado tentando pagar liberais para não irem votar. Silvio Ovelar, que acabou suspenso do Congresso, disse que estava tentando expor a corrupção dos rivais, mas "o caçador virou a caça".

"Há ainda problemas estruturais", afirma Renate, como o fato de os juízes do Tribunal Superior de Justiça Eleitoral (TSJE) serem escolhidos pelos partidos, de acordo com o poder de colorados e liberais no Congresso.

---

**'As relações com o Brasil receberão tratamento especial'. Roberto Simon – O Estado de São Paulo, Internacional. 21/04/2013**

*Liberal aposta na imagem de um Paraguai moderno para derrotar o rival colorado, a quem acusa de representar o passado*

A eleição de hoje é um conflito entre dois "Paraguais": o do narcotráfico, do contrabando e da lavagem de dinheiro, representado pelo colorado Horacio Cartes, e o do agronegócio e da busca pela industrialização, simbolizado pelo Partido Liberal. É nessa mensagem que aposta o candidato Efraín Alegre - apesar das acusações de corrupção que também pesam contra ele próprio. Alegre conversou com o Estado na quarta-feira. Prometeu manter uma boa relação com o Brasil, mas disse ser "normal" pressionar o vizinho poderoso em temas como o preço pago pela energia paraguaia de Itaipu. Acusado de envolvimento com o crime organizado, Cartes recusou-se a conceder entrevista.

*Seja pela questão fundiária dos brasiguaios ou por Itaipu, o governo brasileiro costuma ver os colorados como "mais confiáveis" do que os liberais. Como o sr. responde a isso?*

Efraín Alegre - O que eu posso dizer é que, com a nossa aliança no poder, as relações com o Brasil receberão um tratamento especial. Historicamente, o Partido Colorado tem sido incapaz de preservar nossos grandes interesses nacionais.

*E isso se aplica a uma renegociação da tarifa de energia em Itaipu?*

Efraín Alegre - No último governo (de Lugo), as compensações para a energia vendida ao Brasil triplicaram. O Paraguai vende a energia de Itaipu que não é consumida internamente e, enquanto houver essa transação comercial, é normal que os dois lados tentem negociar. Os paraguaios vão querer um preço mais alto; os brasileiros, mais baixo. Isso faz parte de qualquer negociação. Acreditamos que o caminho para o Paraguai é usar a energia gerada em Itaipu - e não vendê-la.

*Como seria possível isso?*

Efraín Alegre - Temos de nos industrializar. O Paraguai tem a energia mais barata de toda a região, algo que nos torna muito competitivos. Queremos trazer mais indústrias, incluindo brasileiras. A Fiesp está analisando vários setores brasileiros que não são mais

competitivos no mercado internacional, mas aqui no Paraguai poderiam voltar a ser. Isso é fantástico para nós! Que venham ao Paraguai!

*O sr. concederia algum tipo de incentivo específico para essas empresas brasileiras?*

Efraín Alegre - O baixo custo de produção é o grande incentivo. Aqui, a energia é barata e as condições trabalhistas e fiscais, muito favoráveis.

*Sobre o Mercosul, um Paraguai sob governo dos liberais aceitará plenamente a presença da Venezuela?*

Efraín Alegre - Meu partido foi o único a defender no Congresso a incorporação venezuelana ao Mercosul. Os colorados recusaram a Venezuela. Portanto, somos os que têm as melhores condições para renegociar esse retorno ao bloco. Queremos o caminho da institucionalidade, sempre.

*Após a suspensão do Paraguai, o governo de Federico Franco, seu colega de partido, colocou em votação no Congresso a entrada venezuelana e isso foi recusado. Como ficaria essa situação?*

Efraín Alegre - Isso foi parte daquela conjuntura (após a destituição de Lugo). Naturalmente, será mudado.

*O Congresso voltará atrás para desfazer a decisão?*

Efraín Alegre - Claro que sim. Estive (na semana passada) com o presidente do Uruguai, José Mujica (que ocupa a presidência rotativa do Mercosul), e já está decidido que, passando as eleições, vamos iniciar imediatamente o diálogo para normalizar nossa situação no bloco. O objetivo de todos é retomar o funcionamento pleno do Mercosul.

*Muitos brasiguaios temem a proposta de um imposto de 10% sobre a soja. Qual é a posição do sr. quanto a essa proposta?*

Efraín Alegre - Apoiamos o projeto do governo de colocar um imposto sobre a renda - e não sobre a exportação - da soja. Precisamos fazer com que o Estado paraguaio consiga arrecadar mais e um imposto sobre a renda agropecuária é o caminho.

*A ação do crime organizado no Paraguai, do narcotráfico à lavagem de dinheiro, preocupa muito o Brasil. O que pode ser feito?*

Efraín Alegre - Esse é o modelo do Paraguai do passado - o qual o meu oponente representa. Triangulação (de dinheiro), contrabando, máfias. Cartes é esse passado. Nosso projeto é o do Paraguai da produção, do trabalho e da legalidade. Temos de aproveitar a nova imagem que tem o Paraguai diante do mundo. Nosso país, hoje, tem capacidade agropecuária para alimentar, sozinho, o mundo por oito dias. Somos esse Paraguai.

*Durante a campanha, o sr. foi acusado de ter superfaturado obras públicas enquanto era ministro. O que o sr. tem a dizer sobre isso?*

Efraín Alegre - Não existe nada. Tentaram mostrar irregularidades em uma estrada feita depois que eu havia deixado o cargo. Foi uma campanha de desprestígio contra mim levada adiante por assessores de Cartes. Como ele tem um antecedente obscuro - todos sabem disso -, então, tentaram manchar minha honra e a honestidade que a minha candidatura representa.

*E a decisão do presidente do Congresso, Jorge Oviedo Matto, de renunciar após acusações de que ele recebeu uma quantia milionária do governo para apoiar a campanha do sr.?*

Efraín Alegre - Que se investigue. É uma questão do governo, que não me diz respeito.

*Mas, supostamente, foi isso que teria levado o partido dele a apoiar a sua candidatura.*

Efraín Alegre - Temos promotores e juízes para isso. Que as autoridades investiguem e os responsáveis respondam.

*O sr. foi ministro de Lugo e apoiou a destituição do presidente. Valeu a pena?*

Efraín Alegre - Certamente, pois estávamos em uma conjuntura que demandava o restabelecimento da ordem. Era uma crise. A resposta de Franco devolveu a tranquilidade e a paz no campo. Hoje, o setor produtivo trabalha com preocupações normais - o clima, a seca, etc - e não diante da ameaça de ter suas propriedades invadidas. Cumprimos plenamente nosso propósito, que era garantir o bem-estar.

*Mas isso teve um custo político: vocês estão suspensos do Mercosul e isolados internacionalmente.*

Efraín Alegre - Ganhamos muito mais. Restabelecemos a paz, a institucionalidade, o desenvolvimento. Como paraguaios, isso é prioritário.

---

### **Brasiguaios esperam fim da era de invasões. Lourival Santana e Clayton de Souza – O Estado de São Paulo, Internacional. 22/04/2013**

Para os brasileiros e seus descendentes que trabalham nas terras férteis do Alto Paraná, Departamento (Estado) paraguaio que faz fronteira com o Brasil, as eleições de ontem representam o fim de um ciclo de invasões e perseguições, patrocinadas pelo ex-bispo Fernando Lugo, deposto pelo Senado em junho do ano passado. Sentindo-se abandonados e traídos pelo governo brasileiro, que não os apoiou quando suas terras foram invadidas, mas ficou do lado de Lugo quando ele foi destituído, os "brasiguaios", como são chamados, esperam que o novo presidente e Congresso paraguaios os protejam.



Eram 7 horas de 3 de agosto de 2011, uma quarta-feira. O brasileiro Gilmar Zwirtes e sua mulher paraguaia, Milka Zavala, tomavam café com os quatro filhos, quando os policiais e os "carperos" (acampados sem-terra) chegaram em dois ônibus e cinco caminhões.

Deram prazo até 9 horas para que desocupassem a propriedade de 5 hectares em Santa Rita, a 80 km da fronteira com o Brasil. A mãe de Zwirtes tinha sofrido derrame e estava de cama. "Não podem jogar minha família na rua, com tantos anos que vivo aqui", resistiu o agricultor, que veio de Marcelino Ramos (RS) em 1972, aos 8 anos, quando seu pai comprou 100 hectares, que depois repartiu entre os filhos.

Zwirtes telefonou para os vizinhos. Em poucos minutos, havia 500 pessoas na frente, impedindo a entrada dos policiais e carperos, conta o casal. "Criei-me na região, conheço todo mundo", diz Zwirtes, sorrindo com orgulho. Um total de 61 propriedades dos "colonos" brasileiros na região de Santa Rita foram objeto de ações de despejo, invasões ou ameaças. Elas são de diversos tamanhos, mas têm uma característica em comum: são produtivas. Os próprios paraguaios da região costumam reconhecer que os agricultores brasileiros são mais trabalhadores e dedicados à terra que os nativos.

O que chama a atenção no caso de Zwirtes é o tamanho de sua propriedade: 5 hectares. Trata-se de um agricultor familiar. Nessa área diminuta ele cultivava soja e milho, cria gado, porco e galinha, que vende nos mercados locais. Seu pai comprou a terra de uma imobiliária privada, e ele detém o título da parcela que herdou, assim como seus irmãos.

Por nenhum critério, Zwirtes e outros pequenos proprietários como ele seriam alvo de desapropriação para reforma agrária. A não ser pelo fato de serem brasileiros. O conflito no Alto Paraná não é apenas agrário: é nacionalista.

Antecedentes. As tensões envolvendo brasiguaios e sem-terra não são novas no Alto Paraná. Em agosto de 1999, por exemplo, a morte de um camponês paraguaio levou à fuga de 30 pequenos agricultores brasileiros, por medo de retaliações. O que mudou, com a chegada à presidência de Lugo, em 2008, foi que o Estado paraguaio, antes indiferente, passou a se engajar ativamente na ofensiva para expulsar os brasileiros de suas terras.

Soldados do Exército fizeram a demarcação das terras, e a Polícia Nacional, que transportou os carperos, apoiou invasões e ordens de despejo. Lugo pretendia pôr em prática uma lei segundo a qual a faixa de 50 km desde a fronteira não pode ser ocupada por estrangeiros - embora Santa Rita fique a 80 km. A onda de desapropriações representou uma oportunidade para extorquir dinheiro dos produtores brasileiros mais prósperos. Alfeu Lui, dono de 380 hectares, nos quais planta soja e milho e tem um empreendimento de piscicultura, afirma ter tido de pagar US\$ 100 mil "à máfia" - um advogado e um juiz - para que fosse arquivada sua ação de despejo.

Sua fazenda foi invadida em 5 de maio de 2011, por cerca de 10 carperos, apoiados por 150 policiais, segundo Lui. A caseira foi arrancada à força da casa, puxada pelos

cabelos, e seus móveis, arrastados para a estrada, segundo Lui, que saiu com 16 anos de Palotina (SC), em 1973, quando seu pai e dois irmãos mais velhos também compraram 100 hectares de uma imobiliária.

A destituição de Lugo representou um alívio para os fazendeiros brasileiros. "O problema acabou da noite para o dia", recorda Lui. Com a ofensiva do governo Lugo, muitos brasileiros despertaram para a necessidade de organizar-se politicamente.

Há 201.527 brasileiros no Paraguai, segundo o Consulado do Brasil em Ciudad del Este. Eles só podem votar nas eleições municipais. Já os seus descendentes, nascidos no Paraguai, que o consulado estima serem 150 mil, votam também para deputados departamentais, governadores, deputados nacionais, senadores e presidente - os cargos disputados ontem. Em Santa Rita, onde cerca de 70% dos 35 mil moradores são brasileiros e descendentes, há um vereador, Sidinei Heinemann, paraguaio filho de brasileiros vindos da zona rural de Chapecó (SC), em 1977.

Heinemann é do Partido Colorado, do ex-ditador Alfredo Stroessner, que incentivou a colonização da região leste do Paraguai pelos brasileiros, por meio de seu loteamento por imobiliárias, cujos corretores percorreram o sul do Brasil vendendo glebas de 25 hectares.

Agora, pela primeira vez há um filho de pai brasileiro candidato a deputado departamental: Fernando Schuster, que encabeça a lista colorada no Alto Paraná, depois de ter recebido mais de 49 mil votos nas internas do partido.

Assim como Heinemann, Schuster garante que o candidato colorado à presidência, Horacio Cartes, defende os interesses da comunidade brasileira. "Ele é o candidato do setor produtivo", argumenta Schuster, ex-presidente da Coordenadora Agrícola da região sul do Alto Paraná. Em contrapartida, ele lembra que Efraín Alegre, o candidato liberal, era ministro de Obras Públicas de Lugo.

Cartes encerrou sua campanha, na noite de quinta-feira, em um ginásio de esportes em Presidente Franco, no Alto Paraná, ao lado de Schuster, que nasceu em 1982 em Ciudad del Este, na época chamada de Ciudad Presidente Stroessner. A mãe de Schuster, a paraguaia Maria Victoria Salinas, é prefeita de Santa Rosa, e foi agredida pelos carperos durante a onda de invasões. Ele próprio enfrentou os soldados e carperos, arrancou marcos que o Exército estava colocando nas fazendas no município de Iruñea, em dezembro de 2011.

A maioria dos "brasiguaios" ouvidos pelo Estado torcia por Cartes, tanto pela contraposição a Lugo - como empresário rico e membro de um partido conservador - quanto por sua associação a Stroessner, que possibilitou a imigração brasileira. Mas há gradações. "Estamos apoiando a Lista 1 (colorada) do Sidinei, que apoia os colonos, porque um grupo manipulado por políticos sujos queria invadir nossas terras, agora que estão prontas", explicou João Inácio Pies, de 56 anos, que tem uma loja de sementes importadas do Brasil.

"Os dois que estão liderando (as pesquisas) são gente boa", ponderou Zwirtes. "Efraín fez coisas boas, trouxe muita estrada. O problema era o outro", concluiu, referindo-se a Lugo. "Só quero que seja alguém que não me tire daqui", pediu Neusa Cappeletti, de 55 anos, dona de um restaurante em Santa Rita, que veio aos 21 anos de Nova Esperança (PR).

---

### **Magnata Cartes recupera poder para Partido Colorado no Paraguai. Daniela Desantis e Hilary Burke – O Globo, Mundo. 22/04/2013**

ASSUNÇÃO, 22 Abr (Reuters) - O magnata dos negócios Horacio Cartes venceu as eleições presidenciais do Paraguai, no domingo, reconduzindo seu poderoso Partido Colorado, de centro-direita, ao poder após o breve governo de esquerda ter acabado em impeachment no ano passado.

Cartes, um novato político que nunca tinha nem mesmo votado antes de ingressar no Partido Colorado, há quatro anos, ganhou com 46 por cento dos votos, 9 pontos percentuais à frente de Efraín Alegre, do Partido Liberal, que estava no governo.

Milhares de apoiadores do Partido Colorado, vestindo camisas vermelhas e lenços, soaram cornetas e tocaram a tradicional música polca na capital Assunção, comemorando o retorno do partido ao poder após seu reinado de 60 anos ter sido interrompido em 2008.

Cartes prometeu reformar o partido, que é famoso pela corrupção. Seu longo período no poder inclui a ditadura do general Alfredo Stroessner, entre 1954 e 1989.

"Minhas pernas tremeram com a ideia da enorme e impressionante responsabilidade de ser presidente de todos os paraguaios", disse Cartes em seu discurso de vitória. "Eu quero que as pessoas que não votaram em nós saibam que vou dedicar todo o meu esforço a ganhar sua confiança".

O ex-presidente Fernando Lugo, um ex-bispo católico de esquerda, ganhou a Presidência do Paraguai em 2008, numa votação que deu esperança de reformas profundas, mas ele foi cassado em junho passado, quando o Partido Liberal abandonou a coalizão governista e, em seguida, assumiu as rédeas do governo.

O Congresso derrubou Lugo depois de o considerar culpado por uma ação de desocupação de terras na qual 17 policiais e camponeses foram mortos.

Países sul-americanos compararam o processo de impeachment em apenas dois dias a um golpe, e impuseram sanções diplomáticas ao Paraguai.

*CONTRARIANDO TENDÊNCIA*

Quase 40 por cento da população de 6,6 milhões de paraguaios é pobre. O país, que não possui litoral, depende das exportações de soja e carne bovina, mas também é famoso pelo comércio de contrabando e esquemas ilícitos de financiamento.

Cartes tomará posse em agosto para um mandato de cinco anos. Sua eleição contraria a tendência na América do Sul, onde os candidatos de esquerda têm tido ganhos constantes nos últimos anos. Só a Colômbia e o Chile são governados por conservadores.

Um dos homens mais ricos do Paraguai, Cartes fez fortuna nos setores financeiros e de tabaco. Rivais tentaram ligá-lo ao tráfico de drogas e lavagem de dinheiro, mas ele nunca foi acusado de tais crimes e nega qualquer irregularidade.

Cartes prometeu realizar uma reforma agrária e quer atrair até 2,7 bilhões de dólares em capital privado para reformar os aeroportos do Paraguai e construir novas rodovias.

Ele disse no domingo já ter começado a trabalhar para reparar os laços com o Mercosul, que suspendeu o Paraguai após o impeachment de Lugo e incluiu a socialista Venezuela, embora essa inclusão não tenha sido aprovada pelo Congresso do Paraguai.

Cartes também prometeu pôr fim ao nepotismo no Partido Colorado e modernizar a burocracia estatal inchada do Paraguai, que emprega cerca de 10 por cento de todos os trabalhadores.

---

### **Bolívia busca experiência do Programa Cisternas para enfrentar a seca – Site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). 22/04/2013**

*País vizinho também sofre com escassez de água para beber, cozinhar, produzir alimentos e criar animais*

Brasília, 22 – Os governos do Brasil e da Bolívia firmaram acordo de cooperação técnica para a construção de cisternas naquele país. A ação vai garantir acesso à água para cerca de 350 famílias dos municípios bolivianos de Tarabuco e Betanzos. Esta semana, técnicos da Bolívia visitam Pernambuco para conhecer as cisternas instaladas na Região Nordeste.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), coordenador do Programa Cisternas, vai capacitar técnicos bolivianos e orientá-los sobre construção, investimento e seleção das famílias que serão beneficiadas com a instalação dessas tecnologias sociais.

No período da estiagem, as duas cidades bolivianas ficam de sete a oito meses sem chuva. O nível de extrema pobreza do município de Tarabuco alcança 93,5% da população.

Para conhecer o Programa Cisternas, representantes do governo da Bolívia estiveram no

MDS na última sexta-feira (19). Eles foram recebidos pela secretária adjunta de Segurança Alimentar e Nutricional do MDS, Lilian Rahal, e pelo ministro Milton Rondó, coordenador-geral de Ações Internacionais de Combate à Fome, do Ministério das Relações Exteriores (MRE).

De acordo com Lilian Rahal, a construção de cisternas é uma importante estratégia para garantir a sobrevivência das famílias que vivem no Semiárido. Desde 2003, lembrou, foram instaladas mais de 500 mil cisternas de placas na região. A experiência brasileira deve contribuir para que a Bolívia reforce as ações para enfrentar a seca.

A cooperação, acrescentou o ministro Rondó, é essencial para a troca de conhecimentos e para a redução das desigualdades sociais nos dois países. “O acesso à água é um direito humano. É uma política de Estado, e não de governo”.

“Esperamos adquirir conhecimentos com o Brasil e adaptar essas tecnologias a nossa realidade”, destacou o diretor do projeto cisternas da Bolívia, Carlos Venegas. “Com as cisternas, vamos proporcionar melhores condições de vida às famílias de Tarabuco e Betanzos.”

O diretor do projeto cisternas da Bolívia, Carlos Venegas, disse que essas tecnologias sociais devem proporcionar melhores condições de vida às famílias de Tarabuco e Betanzos. “Esperamos adquirir conhecimentos com o Brasil e adaptar essas tecnologias a nossa realidade”.

---

### **Colômbia: Farc e governo retomam negociações de paz – O Estado de São Paulo, Internacional. 23/04/2013**

O governo colombiano e o grupo guerrilheiro Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) retomaram nesta terça-feira as negociações de paz em Havana.

Representantes dos dois lados do mais longo conflito em andamento no continente americano chegaram à capital cubana manifestando o desejo de acelerar o processo de paz depois de um recesso de um mês.

Os negociadores disseram estar próximos de um acordo sobre um dos principais contenciosos: a reforma agrária.

Iván Márquez, chefe da delegação das Farc, qualificou hoje o processo de paz como "irreversível".

Já o chefe da delegação do governo, Humberto de la Calle, declarou-se otimista em relação ao futuro da proposta de reforma agrária a ser apresentada às Farc. Os detalhes da proposta não foram divulgados.

As negociações de paz entre o governo colombiano e as Farc tiveram início em outubro do ano passado em Oslo. Depois, a sede do diálogo foi transferida para Havana.

Cuba e Noruega têm atuado como fiadores das negociações para encerrar o conflito iniciado há meio século. Chile e Venezuela participam como observadores. As informações são da Associated Press.

---

**Exportadores vendem 116 mil t de soja dos EUA a destino desconhecido. Charles Abbott — USDA – O Globo, Economia. 24/04/2013**

WASHINGTON, 24 Abr (Reuters) - Exportadores privados relataram a venda de 116 mil toneladas de soja dos EUA para destinos desconhecidos, com entrega no ano comercial de 2013/14, informou o Departamento de Agricultura norte-americano (USDA) nesta quarta-feira.

O ano comercial de 2013/14 para soja começa em 1o de setembro.

Esta foi a terceira grande venda de soja nesta semana. Exportadores relataram a venda de 174 mil toneladas de soja à China na segunda-feira e mais 392 mil toneladas na terça-feira, ambas com entrega para o novo ano comercial.

Por lei, os exportadores têm que informar ao USDA qualquer venda de 100 mil toneladas ou mais de uma mesma commodity para um mesmo destino feita em um dia, mas pode levar alguns dias até que a identidade do comprador seja conhecida. Vendas menores são relatadas semanalmente.

---

**Dow Chemical tem lucro acima do esperado no 1o trimestre – O Globo, Economia. 25/04/2013**

25 Abr (Reuters) - A Dow Chemical divulgou nesta quinta-feira resultado acima do esperado pelo mercado, apoiada em demanda mais alta por sementes e produtos químicos para proteção de plantações nas Américas.

As vendas da divisão de agricultura do grupo cresceram 14 por cento no trimestre, registrando o melhor desempenho entre as unidades de negócios da companhia.

O lucro líquido subiu cerca de 33 por cento, para 550 milhões de dólares, ou 0,46 dólar por ação, ante 412 milhões de dólares, ou 0,35 dólar por papel, no mesmo período de 2012.

Excluindo eventos não recorrentes, o lucro correspondeu a 0,69 dólar por ação. Analistas, em média, esperavam ganhos de 0,61 dólar, segundo a Thomson Reuters I/B/E/S.

A companhia apurou receita de 14,4 bilhões de dólares, queda de 2 por cento e ligeiramente abaixo da expectativa média do mercado de 14,88 bilhões de dólares.

---

## **Missão empresarial busca soluções tecnológicas no México e Estados Unidos para a região da seca – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Meio Ambiente. 26/04/2013**

Com o propósito de conhecer novos e eficientes mecanismos de previsão, prevenção de seus efeitos e de convivência produtiva com a seca, o presidente da Federação da Agricultura do Estado de Pernambuco (FAEPE), Pio Guerra, integra missão empresarial que embarca hoje, 26/4, às cidades do México e Estados Unidos. A viagem de estudos foi organizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Pernambuco (Sebrae/PE) e se estenderá até nove de maio.

A missão empresarial visitará centros de referências, nos dois países, que tenham desenvolvido tecnologias para o enfrentamento de períodos estiagem e possam servir de base para soluções a serem adotadas na região atingida pela seca. A ideia do grupo é buscar novas alternativas, novas tecnologias, diferente do que vem sendo feito no País há mais de cinco décadas.

“Serão quatorze dias com uma pauta extensa, que inclui universidades, fazendas privadas e centros de pesquisas, que desenvolvem experiências tecnológicas e que possam ser avaliadas para a região”, afirma Pio Guerra.

O roteiro começa na cidade de Hermosillo, no México, onde o grupo desembarca na sexta-feira. Para o sábado estão previstas visitas a fazendas e centros de pesquisas. De lá o grupo segue para os Estados Unidos, com cronograma de palestras e visitas nas cidades de College Station e Houston, no Texas, Lincoln e Omaha, em Nebraska.

Segundo o presidente da FAEPE, “a ideia é instituir um ambiente de debates permanente visando entender o fenômeno e avaliar soluções tecnológicas e políticas encontradas no Brasil e no exterior como resposta às secas”. Após essa missão, os empresários deverão criar um grupo de debates permanentes sobre a convivência produtiva com a seca e possibilitar a visita de especialistas brasileiros e do exterior que subsidiem propostas de ações nos Estados da região do semiárido.

Integram a missão 15 pessoas, entre empresários, produtores, agrônomos, zootecnistas, representantes das Federações da Agricultura e do Comércio de Pernambuco, da Associação dos Avicultores, Senar/PE, Associação Auxiliadora da Agricultura, do Instituto de Tecnologia de Pernambuco, ex-secretários de Agricultura do Estado e professores da Universidade de Pernambuco.

---

## **Novo governo do Paraguai tentará manter estabilidade econômica. Daniela Desantis – O Globo, Mundo. 26/04/2013**

ASSUNÇÃO, 26 Abr (Reuters) - O novo governo que assumirá o Paraguai em agosto tentará manter a estabilidade macroeconômica conquistada nos últimos oito anos para

dar segurança aos investidores, disse um dos principais assessores do presidente eleito Horacio Cartes.

Germán Rojas, ex-presidente do Banco Central que lidera a equipe de transição da nova administração, garantiu à Reuters que Cartes levará adiante uma lei de responsabilidade fiscal que ajude a reduzir o déficit orçamentário, a fim de evitar aumento de impostos.

"O desafio é consolidar o processo que o Paraguai vem experimentando, não apenas agora, mas desde que começou a mostrar seus primeiros sinais em 2005 ... não podemos sair da linha de bons indicadores que estamos experimentando", disse.

Cartes, um dos homens mais ricos do Paraguai, venceu as eleições de domingo com 46 por cento dos votos, marcando o retorno ao poder do conservador Partido Colorado que governou o país durante seis décadas até 2008.

Analistas não esperam grandes mudanças na política econômica do quarto exportador mundial da soja e acreditam que o novo governo continuará apoiando o poderoso setor do agronegócio.

As autoridades preveem uma expansão econômica de 13 por cento em 2013, estimulada pelo bom ano agrícola.

O Partido Colorado obteve maioria absoluta na Câmara dos Deputados e ganhou mais assentos no Senado do que os que tem na atual legislatura, o que dará ao futuro presidente tranquilidade para levar adiante sua agenda de reformas.

Rojas disse que uma das prioridades do novo governo será a aprovação de uma lei de responsabilidade fiscal que estabeleça tetos para os gastos orçamentários e critérios para os aumentos salariais aos funcionários públicos.

O orçamento de 2012 registrou um déficit de 1,7 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) após oito anos consecutivos de superávit. Neste ano, a estimativa oficial é de um déficit de 2,6 por cento do PIB, depois que o Congresso aprovou aumentos salariais sem uma fonte clara de financiamento.

Uma intensificação do controle evitará que se opte por aumentar os impostos, disse Rojas.

"Temos que contribuir e fazer um orçamento equilibrado para que não tenhamos que nos financiar com o aumento de impostos. É o último recurso pelo qual optaremos", indicou.

---

**O Paraguai de sempre. Eric Nepomuceno – Site da Agência Carta Maior. 29/04/2013**

*Agora tudo voltou aos eixos. Foi eleito presidente um candidato do Partido Colorado, o mesmo que durante décadas sufocou o país em violência, corrupção e fraudes. Ele se*



*chama Horacio Cartes. É um empresário polêmico, muitas vezes milionário, totalmente inexperiente (bem, é verdade que presidiu um clube de futebol, mas na política, nada) e com uma constrangedora lista de denúncias que vão de lavagem de dinheiro a contrabando de cigarros. Aos 56 anos, nunca havia votado na vida.*

Fernando Lugo, defenestrado da presidência paraguaia no ano passado graças a um insólito golpe parlamentar – foi julgado e condenado em 48 horas, sem tempo de defesa –, foi um tão fugaz como inconsistente. Aquilo que parecia, no início, um furacão de esperanças de mudança acabou transformado em brisa. Os frágeis movimentos destinados a mudar, ainda que só um pouco, o rosto deformado de um país injusto e apodrecido, não deram em nada.

Agora tudo voltou aos eixos. Foi eleito presidente um candidato do Partido Colorado, o mesmo que durante décadas sufocou o país em violência, corrupção e fraudes. Ele se chama Horacio Cartes. É um empresário polêmico, muitas vezes milionário, totalmente inexperiente (bem, é verdade que presidiu um clube de futebol, mas na política, nada) e com uma constrangedora lista de denúncias que vão de lavagem de dinheiro a contrabando de cigarros. Aos 56 anos, nunca havia votado na vida.

Esse desnecessário reforço para a imagem negativa do Paraguai obteve ampla maioria de votos, suficiente para assegurar o controle de um Congresso escorregadio. O mais surpreendente disso tudo foi o caudaloso volume de votos que o novo presidente levantou entre o eleitorado mais jovem, e não só no interior mais isolado e menos desenvolvido.

O tempo gasto por Cartes para deixar a presidência do clube Libertad e chegar à presidência do país foi de escassos três anos. Gastou do próprio bolso pelo menos 20 milhões de dólares na campanha presidencial. Para ele, isso significa um ou dois amendoins: sua fortuna é calculada em pelo menos dez vezes mais.

É um conservador puro sangue. Tem um conglomerado de 25 empresas, entre elas um banco poderoso. Foi investigado no Brasil por suspeita de contrabando de cigarros. Durante quatro anos, ainda em tempos de Alfredo Stroessner, foi um foragido da Justiça: vendia no mercado negro os dólares comprados a preços preferenciais para comprar insumos agrícolas. Também foi investigado por Washington, mas não pelas suas relações políticas: havia indícios (não comprovados até hoje) de relações com narcotraficantes. Essa fina flor virou presidente de um país de miseráveis.

Em setembro de 2009 afiliou-se ao Partido Colorado, no impulso de duas de suas características: poder de decisão rigoroso e contas bancárias imensas. Os estatutos do partido diziam que, para ser candidato presidencial, era preciso estar afiliado há pelo menos dez anos. Ele resolveu convocar uma convenção nacional e, ao amparo de forte distribuição de benesses, reformou o estatuto, baixando a exigência para um ano só. Naquela época o ex presidente Nicanor Duarte afirmou, com todas as letras, que com a chegada de Cartes ao partido “começa a era da obscenidade, da pornografia política, e todos os vícios se tornam explícitos”. Hoje, os dois são fortes aliados.

O Partido Colorado volta ao poder, o mesmo poder que Stroessner, um ditador sanguinário, populista e corrupto exerceu com pés de chumbo e botas de lodo durante 34 longos e obscuros anos.

Em muitos aspectos o país que cai nas mãos de Cartes é certamente diferente do de Stroessner e de seu mesmo Partido Colorado. Aquele Paraguai era povoado por um batalhão de funcionários públicos afiliados ao partido, numa corrupção generalizada que se desdobrava em lances absurdos. Claro que ainda existe tudo isso, mas há novidades – e nem sempre para o bem.

Na última década o país viveu um crescimento econômico formidável, ao impulso do agronegócio. Hoje, o Paraguai é o quarto maior produtor de soja do mundo. As previsões para este ano indicam um crescimento de 13% na economia, marca invejável até para os chineses. A inflação não deve passar de 4%. No primeiro trimestre de 2013, e apesar de suspenso do bloco desde a deposição de Lugo, o país viu suas exportações para o Mercosul aumentarem 57%.

Esse é o cenário que não faz mais do que perpetuar o outro lado da realidade: os 10% mais pobres da população recebem 1% do que o país produz, e os 10% mais ricos levam 41%. Outra cifra da desigualdade: 35% dos paraguaios vivem em situação de pobreza e, desses 35%, a metade vive em estado de indigência aguda. Uma parte significativa dos paraguaios se dedica olímpicamente ao esporte do consumo desmesurado. Nunca antes tantos paraguaios viajaram ao exterior, compraram celulares, automóveis e motocicletas de luxo, e o país se tornou um paraíso para os cartões de crédito.

Mas essa bonança extraordinária não chega, nem de longe, a desfazer a realidade: o Paraguai continua sendo um dos países mais pobres da América do Sul, e a pobreza extrema não diminui um milímetro sequer. Há desemprego vasto, e o subemprego atinge 30% da população economicamente ativa.

O Partido Colorado volta ao poder para fazer o que sempre fez: perpetuar esse abismo social, dar brilho novo a essa injustiça atávica. Este ano a colheita de soja deverá chegar a dez milhões de toneladas. Para um pouco mais de dois milhões de paraguaios – aqueles que sobrevivem entre a pobreza extrema e a indigência aguda – isso não vai fazer a menor diferença. Continuarão à míngua e à margem, vultos sem rosto nem voz. Continuarão no mesmo breu de onde jamais saíram: no Paraguai de sempre.

---

### **Novas oportunidades de negócios com a China – Site da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Assuntos Econômicos. 30/04/2013**

A presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), senadora Kátia Abreu, reuniu-se nesta terça-feira (30/04), em Brasília, com o embaixador do Brasil na China, Valdemar Leão, para discutir as oportunidades de negócios para o setor agropecuário brasileiro no mercado chinês. Também discutiram as possibilidades de investimentos da China em projetos de logística, pecuária de corte e florestas plantadas

no Brasil. O embaixador viaja para a China no dia 19 de maio para assumir a Embaixada do País em Pequim.

Durante a reunião, na sede da CNA, conversaram sobre a proposta defendida pela senadora Kátia Abreu de criação de uma marca para o café brasileiro. Um dos objetivos da iniciativa é ampliar a demanda por café brasileiro na China, onde o consumo tem crescido a uma taxa de 30% ao ano. “O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de café, o que mostra que há espaço para criação de uma marca forte”, afirmou a presidente da CNA, que tem conversado com representantes do Governo federal e da iniciativa privada sobre o tema.

Além do café, a senadora Kátia Abreu citou que há interesse no incremento dos embarques de suco de laranja, algodão e carnes do Brasil para a China. Para estimular o consumo de carnes brasileiras no país asiático, a presidente da CNA propõe a instalação de churrascarias na China, tema que tem tratado em reuniões com empresários desse setor. As exportações para a China se concentram na comercialização de soja em grãos, celulose e açúcar, que representaram, conjuntamente, 80% do valor total da pauta de 2012.

Para discutir as estratégias a fim de incrementar o comércio, a CNA realizará um seminário em setembro deste ano, em Pequim. Antes disso, em junho, um seminário preparatório, do qual participarão 100 empresários exportadores, será realizado em São Paulo. Esses empresários passarão por uma “imersão” em São Paulo e depois viajarão para a China, visando o contato direto com importadores. O embaixador lembrou que será comemorada, em 2014, a data de 40 anos de relações diplomáticas entre os dois países.

Participaram da reunião os vice-presidentes da CNA, João Martins da Silva Júnior, Eduardo Riedel, Júlio da Silva Rocha Júnior, José Álvares Vieira, Álvaro Arthur Lopes de Almeida e Muni Lourenço Silva Júnior. O vice-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Maranhão (FAEMA), Raimundo Coelho, e o presidente do Instituto CNA, Moisés Gomes, também se reuniram com o embaixador.

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrgo,  
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,  
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,  
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

**Assistentes de Pesquisa**

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**  
Diva de Faria

**op**  
**pa** **Observatório de Políticas**  
**Públicas para a Agricultura**

**cpda** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais  
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa